

# NO PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3713/3720/3723 — BISSAU

MENSAGEM  
DO CHEFE DE ESTADO

## NÃO PODEMOS REPETIR OS ERROS DO PASSADO

«Não podemos repetir os erros do passado porque se o fizemos estaremos a fazê-lo conscientemente» disse o camarada Comandante de Brigada, João Bernardo Vieira, na sua mensagem de Fim de Ano dirigida à Nação.

Nesse discurso que publicamos nas centras, o Chefe de Estado da Guiné-Bissau exorta o nosso povo, e os militantes do nosso grande Part do, o PAIGC, a darem mais de si mesmo, para que possamos dar um passo em frente no desenvolvimento da nossa terra.

«A paz, uma responsabilidade de todos e de cada um», um trabalho do artista polaco R. Sokh, que divulgamos, além de constituir uma obra de arte, insere um alto significado político — a paz para o mundo. Esta é aspiração almejada pela humanidade, e os votos que formulamos no dealbar de um Novo Ano.



### TERMINOU A VISITA DE LANSANA BEAVOUGUI QUESTÃO DE FRONTEIRAS MARÍTIMAS SUBMETIDA A JURISDIÇÃO APROPRIADA

Com a divulgação de um comunicado conjunto, terminou na quarta-feira passada a visita oficial e de amizade de três dias efectuada ao nosso país pelo camarada Lansana Beavougui, membro do Bureau Político do PDG e Primeiro-Ministro da República Popular e Revolucionária da Guiné.

Ainda no final desta visita foram assinados dois processos verbais. Um referente ao litígio das fronteiras marítimas entre os dois países e outro sobre assuntos comerciais e de cooperação bilateral.

No que respeita às fronteiras marítimas, decidiram submeter a questão à arbitragem de uma jurisdição apropriada e aceite pelas duas partes.

Os dois chefes de Governo, lê-se no comunicado conjunto, reconheceram a necessidade de desenvolver esforços com vista a conferir às relações existentes uma qualidade que espelha a real dimensão dos laços indelictíveis de sangue e de luta que unem os dois povos. (Ver pág. 10)

### PRESIDENTE RECEBE CORPO DIPLOMÁTICO

A tradicional cerimónia de cumprimentos de Ano Novo de membros do corpo diplomático acreditados na nossa terra, teve lugar na tarde de quinta-feira passada, no Salão Ab Djassi, no Palácio da República, em Bissau.

Nesse acto, o camarada Nino Vieira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente do Conselho da Revolução proferiu um discurso no qual agradece aos diplomatas, os povos e governos que aqui representam. Igualmente o Chefe de Estado guineense reafirmou o nosso apoio incondicional aos povos em luta e a nossa política de não-alinhamento. Em nome de embaixadores falou o senhor Raimundo de Castro. (Ver Pág.-7)

## Custa-me partir sem me despedir da minha gente

É-me grata a oportunidade que o camarada Director deste jornal me oferece para me despedir de demais camaradas da minha terra. Por outro lado, lamento imenso que só saberão da minha ausência, os que tiveram o privilégio de ler este pensamento.

Camaradas, o fulano que assim vos fala, é mais um cidadão desta terra que pretende fazer um adeus aos seus compatriotas, e a todos os estrangeiros residentes na Guiné-Bissau, conscientes da nossa canseira, mostrando-lhes a cor da sua razão.

Antes, realmente, jamais devo esquecer que os escritos são testemunhos do viver e recordar que os escritos, são ao mesmo tempo uma das mais perigosas máscaras actualmente conhecidas nas sociedades.

Ora bem. Metidos todos num mesmo saco, gentes da mesma origem, ou não, da mesma terra, cujos hábitos são diferentes, devemos obedecer ao seguinte objectivo: «depois de te formares, volta para a tua terra, para trabalhar». Facto que lamentavelmente nos tem estado a entregar, cada vez mais, às garras do monstro surdo. Porque em geral não é respeitado.

Escuso-me, portanto afirmar ser puro guineense, para todos os efeitos, tendo em conta que rima, em diferentes ocasiões, com outras hipócritas afirmações. Mas como guineense, devo ter em mente que, seja onde for que me encontre (no estrangeiro), estou num meio, cuja cultura, é radicalmente oposta a da minha querida Pátria e só, só me é aconselhável extrair do contrário, estranho, o que é universal, não comprometedor. Embora, antes, para este efeito, em cada um de nós deva navegar no nosso sangue, a nossa essência, a nossa cultura — longe da erudição do nacionalismo estreito.

O homem, sendo produto do meio, como é sabido, ou melhor, tudo aquilo que é material participa duma forma determinante na transformação cultural do homem. Então, este homem que assim parte, ele amanhã será o resultado da fusão das duas culturas. Tomando isso isoladamente, este homem só é nosso, quando a cultura de origem vencer a estranha. Sendo o contrário, é automaticamente um desenraizado.

Concluindo, podemos dizer que tudo isso é um conjunto de condições antecipadamente adquiridas. Condições essas que implicam uma tomada de consciência, sentir no seu imo, no seu sangue, o brio do nosso «SI-KÓ», o tilintar do nosso «KORÁ», etc., verdadeiros testemunhos das nossas lidas, nos momentos sagrados da nossa vida.

Para terminar, se me permitem, eu diria: hoje sou participante na luta contra a doutrina que visa manter o TERCEIRO MUNDO e a ÁFRICA em particular, como quintal dos países ditos desenvolvidos. E amanhã... amanhã terão a oportunidade de me julgar.

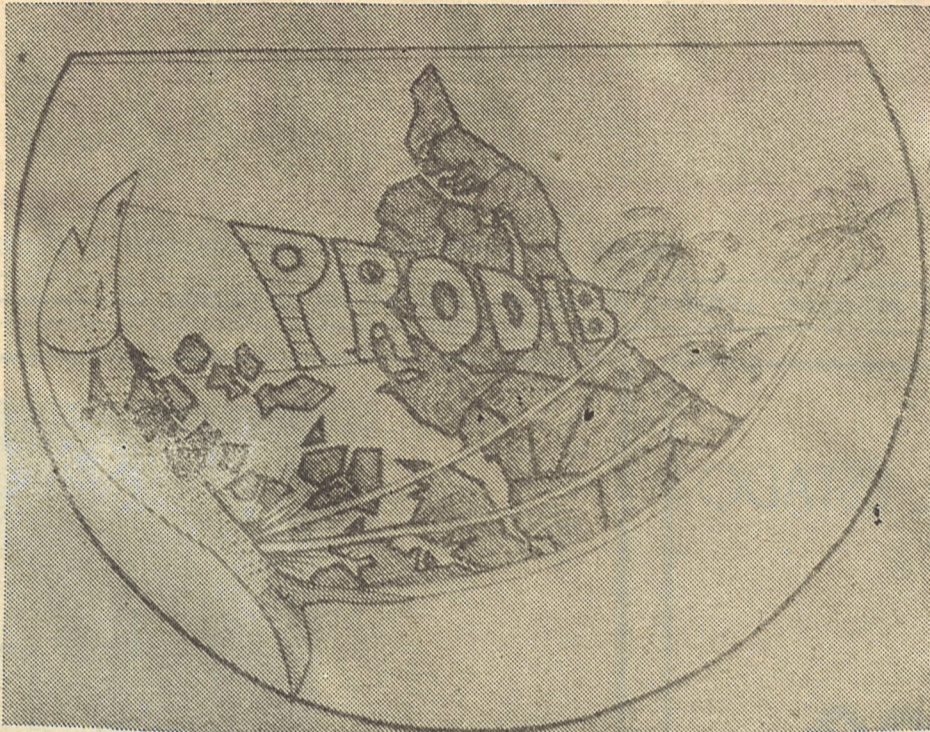
EDUÍNO A. SANCA

## Pedido de correspondência

Mário Alfa Embaló de 25 anos de idade, guineense, professor primário, deseja corresponder com jovens da França, Brasil, e Portugal, para troca de selos, postais e fotografias.

Escrever ao cuidado de Boi Nham — Caixa Postal 353 — Bissau — República da Guiné-Bissau.

## Desenvolvimento de Bolama



O projecto de desenvolvimento rural integrado da região de Bolama-Bijagós, cujo estudo foi elaborado pela «Suco» (Agência Canadiana) encontra-se em fase de arranque.

Este projecto que tem como objectivo desenvolver as ilhas em vários domínios e financiado em parte pelo PNUD (Organismo das Nações Unidas para o Desenvol-

vimento). O projecto abarca os sectores da Agricultura, Comércio, Indústria, Pescas, Transportes, Comunicações, Educação, Saúde e Desenvolvimento Social, e é coordenado pelo Ministério da Administração Interna, Função Pública e Trabalho conjuntamente com a Secretaria de Estado dos Correios e Telecomunicações.

Dos vários documentos elaborados

pela «Suco» o nosso Governo escolheu para execução a curto prazo os seguintes pontos: reorganização dos serviços de apoio à agricultura ou esja criação de um centro regional dos serviços agrícolas; valorização e melhoramento das condições de exploração das palmeiras naturais do arquipélago; valorização dos coqueiros; e relançamento da pesca em Bolama.

## Cooperação com Portugal

O camarada Agnelo Regalla, director-geral do Ministério da Informação e Cultura que deixou Bissau na quarta-feira passada com destino a Portugal, aproveitará a sua estadia naquele país para entabular contactos com autoridades ligadas ao Instituto para a Cooperação Económica, Radiodifusão Portuguesa, Agência Portuguesa de Notícias (ANOP) e empresa Tep-Clima.

Segundo o camarada Regalla, durante os encontros serão abordadas questões relacionadas com a nossa cooperação no domínio da Informação, nomeadamente no campo da formação de quadros e ampliação do protocolo de acordo assinado entre a Guiné-Bissau e Portugal sobre a assistência técnica ao Centro Emissor de Nhacra.

Com a empresa Tep-Clima será examinada a possibilidade da vinda a Bissau dos técnicos desta empresa para proceder à climatização dos novos estúdios da RDN.

## Responde o povo

### Que perspectivas para o ano 1983? (conclusão)

As perspectivas para o novo ano de 1983 continuam a ser o tema do «Responde o Povo». Prosperidade e felicidade é o objectivo que ressalta das opiniões manifestadas pelos nossos entrevistados.

Outras questões merecem a atenção das pessoas que abordámos. No plano Nacional por exemplo, a necessidade de ultrapassar a crise económica ganhou unanimidade. As respostas foram dadas da forma como se segue:

#### SUPERAR A SITUAÇÃO ECONÓMICA

**Libânio Rocco Branca, comerciante** — «Espero que o nível de vida seja superior ao de 1982. Para que seja um ano de saúde para todos os cidadãos desta terra. No aspecto comercial, acho que o Comércio tem estado a satisfazer a necessidade dos comerciantes, mas é preciso melhorar mais no ano de 1983. A única deficiência foi na parte da CICER, mas espero que esta companhia supere as dificuldades no próximo ano. A visita do Presidente

Ramalho Eanes, espero que contribua para melhorar as relações de cooperação no próximo ano. Também o país deve lutar para superar a situação económica».

#### SOLUCIONAR A CRISE DA OUA

**António Ialá, funcionário público e estudante do 2.º ano do curso complementar** — «Na minha maneira de ver, acho que todos os cidadãos devem pegar teso para podermos acabar com certas crises que impedem o nosso desenvolvimento sócio-económico. No plano internacional, a Organização da Unidade Africana deve solucionar

os problemas que dificultam o seu funcionamento. No que diz respeito à seca que ameaça o nosso país, espero no próximo ano que esta crise seja superada para o bem-estar do nosso povo. Para terminar, espero que o ano de 1983 seja um ano de sucesso para o nosso continente».

#### MELHORAR IMPORTAÇÃO DE GÉNEROS ALIMENTÍCIOS

**José António Resende, encarregado comercial da Socomin** — «Progresso é a minha perspectiva. Pôr na prática aquilo que os nossos responsáveis projectaram. No que respeita à nossa vida, espero que melhore dia a dia. Existem boas perspectivas quanto à importação de géneros da primeira necessidade. Acho que não deve haver ruptura como tem acontecido nos anos an-

teriores. Nesta perspectiva, vamos superar a crise económica e coordenar melhor os esforços de todos os jovens. Considero a agricultura, a única via para resolver o nosso problema a nível nacional. Também proponho que a disciplina seja mantida por todos nós a fim de cumprirmos os objectivos do 14 de Novembro.

Entretanto, as perspectivas que penso para o nosso país é superar todas as dificuldades, nomeadamente no aspecto social e económico. Sobre o ano de 1982 só posso dizer que foi feita muita coisa, mas é preciso fazer mais. Não basta fazer o mínimo e dizer que chega, é preciso fazer mais e esforçarmo-nos para concretizar o objectivo planeado pelos nossos responsáveis. Faço votos de saúde e felicidades para todos os jovens e velhos desta terra».

## CEABIS-iluminação garantida à capital

A cidade de Bissau apresenta neste momento um novo aspecto nocturno. Os cidadãos já sentem de certeza essa tão grande diferença. A CEABIS voltou a garantir a iluminação da nossa capital.

O responsável pela Central Eléctrica de Bissau, camarada Júlio Furtado garantiu-nos que doravante a nossa capital não voltará a estar mergulhada na escuridão a não ser que se registre al-

guma avaria num dos grupos. «Mas neste momento — disse-nos Júlio Furtado — tudo está a trabalhar normalmente». Aquele técnico admitiu contudo a possibilidade de na época quente vir a

registrar-se algum problema, pois nessa altura dada a elevada temperatura, a carga é susceptível de aumentar, o que pode levar a máquina a não suportar tamanha solicitação.

## Criminalidade

A operação de recolha de material escolar roubado, desencadeada desde o passado dia 23 de Novembro pela Polícia de Segurança Nacional e Ordem Pública em colaboração com o Departamento de Busca e Apreensão do Ministério do Interior, redundou na captura de 146 cadeiras e 55 carteiras.

Segundo o responsável pelo referido tra-

balho camarada Paulo Gomes, a apreensão dos referidos materiais foi feita nos Bairros que circundam o Ciclo Salvador Allende, Reno, Sintra e em parte nos Amedalai e Cupe-lom.

Ainda segundo aquele camarada o trabalho irá prosseguir dentro de pouco tempo, nos restantes bairros.

## No Estádio Lino Correia Padre guineense ordenado em Bissau

No dia 31 de Dezembro terá lugar no Estádio Lino Correia a primeira cerimónia de ordenação de um padre católico de naturalidade guineense formado em filosofia e teologia pelo Seminário de Sebikotane, na República do Senegal.

O padre José Camnate Na Bissign que na tarde de 31 recebe-

rá a Ordem de Plesbiterio nasceu em Bindoro (Mansoa) em 1953, e foi educado pela Missão Católica que se encarregou dos seus estudos primário e secundário até à formação superior em Teologia. José Camnate será o primeiro padre guineense a ser ordenado no país.

## Farmácias

HOJE — Farmedi n.º 1 — Rua Guerra Mendes, telefone 21 24 60.

AMANHÃ — Farmácia Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 21 27 02.

DOMINGO — Farmedi n.º 2 — Bairro de Belém, telefone 21 37 36.

SEGUNDA-FEIRA — Farmácia Higiene — Rua António M'Baná, telefone 21 25 20.

TERÇA-FEIRA — Farmedi n.º 1 — Rua Guerra Mendes, telefone 21 24 60.

QUARTA-FEIRA — Farmácia Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 21 27 02.

## Telefones úteis

Bombeiros — (Serviço de emergência) 113. Polícia — Cop-1 — 21 3957. Polícia — Cop-2 — 21 31 75. Polícia — Cop-3 — 21 37 49. Banco de Socorro — 21 28 66. Banco de Pediatria — 21 2252. Maternidade — 21 28 69. Serviços de ambulância — (Simão Mendes) — 117. Hospital 3 de Agosto — 21 29 15/17/18. Serviços de Electricidade e água — 21 24 11. Brigada de Assistência à rede eléctrica — 21 24 14. Varia, reclamações e montagens telefónicas — 112. Pedidos de informações e marcações telefónicas — 114.

## É preciso dar mais atenção à alfabetização

Participar na tarefa da Reconstrução Nacional mais do que uma necessidade, é uma obrigação de todos. A forma de fazer, pode ser diversa. Opiniar de maneira construtiva é uma delas.

Assim, o «Nô Praça», ouviu Valdir Medina, jovem professor de 24 anos de idade, e redactor da Rádio Escolar, sobre vários problemas que se colocam ao país, Alfabetização, Saneamento, Cultural... A figura eminente do escritor cubano Nicolas Guillen também foi abordada durante a conversa, que transcrevemos a seguir.

### O que acha da campanha de Alfabetização?

— Acho que é uma boa iniciativa assumida pelo Ministério da Educação Nacional, com vista a eliminar o analfabetismo desta terra, mas o resultado tem sido escasso. As razões não as sei diferenciar, mas penso que o Governo deveria dar a máxima atenção a essa iniciativa procurando fazer como outros países. Cito o exemplo de Cuba ou Nicarágua, que dedicaram toda uma atenção a essa tarefa. Isto se tivermos em conta os resultados obtidos desde a sua iniciação. Realmente no nosso país os resultados ainda não são satisfatórios. Talvez hajam dificuldades, como a questão da língua a utilizar, estando nesse caso problemas inerentes a aplicação do

criolo ou linguas étnicas...

A campanha de limpeza à cidade de Bissau diz-lhe alguma coisa?

— Sobre esse ponto pouco tenho a referir. Só quero louvar a iniciativa do CECB, e apelo o mesmo Comité a envidar esforços no sentido de solicitar alguns Bairros da capital que nem sequer trabalharam na limpeza durante essa semana. Para muitos a semana praticamente não existiu, pois continuam sujos, o que leva a campanha não poder ser considerada uma vitória. Por outro lado, o exemplo de Bissau deveria ser estendido a outras regiões como Bafatá, Bolama, Gabú, etc...

Já ouviu falar de Nicolas Guillen?

— Sim. Já ouvi falar desse grande poeta Cubano. É um poeta que admiro muito embora conheça pouca coisa sobre as suas obras. Entre os poucos que conheço, cito uma que dedicou ao internacionalista Che-Guevara, também «La Paloma de Vuelvo Popular», em que exprime a coragem do povo Cubano na luta contra a ditadura do Fulgêncio Batista. Para além desses livros também gosto imenso da sua prosa especialmente o seu estilo literário. E já ouvi falar, da sua última prosa lançada em Havana, e que está a ser traduzida em



várias linguas neste momento, nomeadamente português, francês, russo, espanhol entre outras, são «Pagina Vuelta e Sol do Domingo».

O que acha da poesia guineense?

— Sobre a poesia guineense posso dizer que aprecio e admiro os nossos jovens poetas, muito embora não tenham assim muita maturidade e experiência, mas pelo que já fizeram, podemos considerar como algo a ser louvado. Alguns já começaram a escrever depois da independência, e outros pouco antes.

Mas, contudo, posso dizer que até agora não há aquele grande avanço, talvez por falta de empenho e organização em que possam estar agrupados, pois os poetas estão dispersos. Cada um por seu lado.

A música moderna guineense existe?

— A música moderna guineense, por aquilo que tenho acompanhado, penso que ela não existe, pois não temos um padrão de música que podemos classificar como música guineense. No Senegal ou Zaire, existe um padrão enquanto que aqui, por exemplo, N'Kassa Cobra toca vá-

rios ritmos zairenses ou que procurá-lo na música tradicional.

Que propõe para o melhoramento da cultura nacional?

— A meu ver a única forma de melhorarmos a nossa cultura conforme já disse é criar uma Associação de artistas, que englobaria músicos e poetas e serviria de ponto de troca de experiências e conhecimentos. Também nessa Associação poderíamos juntar os artistas populares cujas experiências e conhecimentos são bastante ricos. É preciso ter em conta os contos, lendas, além de músicas e danças tradicionais.

Portanto, se de facto queremos arranjar o padrão da música guineense, a meu ver, há

# Mensagem de Fim de Ano do camarada 1983 ano de acção e não de

POVO DA GUINÉ-BISSAU!

CAMARADAS E COMPATRIOTAS!

O tempo histórico não se mede em dias, mau grado o ritmo acelerado em que se processam as mudanças na época contemporânea.

O curto período de um ano não tem o mesmo significado e importância para a vida de um povo que o tem para a vida de um homem, salvo quando intervêm acontecimentos excepcionais ou raros factos de maior importância que por vezes pontuam, marcam indelevelmente e reorientam os caminhos e destinos da humanidade.

O ano que finda não é senão um brevíssimo momento da longa história da Guiné-Bissau e não mereceria ser assinalado nem celebrado não fora a relação passageira, individual e colectiva, de cada um de nós com esta mesma história.

A brevidade desta relação e a consciência das nossas responsabilidades como membros da nossa sociedade e actores passageiros da sua preservação e evolução é que nos levam a medir em anos o desenrolar da vida da Nação, a celebrar hoje o fim de 1982 e a saudar o advento de um Novo Ano.

Assim o fazendo, não quero apenas obedecer a uma tradição como não desejo igualmente a todos os votos pessoais que formulo neste instante a todos aqueles que vivem e trabalham no nosso País sejam apenas uma fórmula imposta pelo costume.

As congratulações que me apraz formular e transmitir a todos a cada um nesta noite, inspiram-se nos laços indestrutíveis que nos ligam uns aos outros e que ligam o nosso destino comum à história da nossa Nação.

Idêntica inspiração me leva a comunicar as reflexões e mensagem, que me ditam nesta data o meu cargo e funções, a todos que em nossa terra festejam, na alegria, o fim de 82 e a primeira alvorada do Novo Ano.

No decurso do ano findo, tive por várias vezes ocasião de evocar e analisar os múltiplos aspectos da actual situação do País, da grave conjuntura e tensões internacionais, dos problemas e dificuldades próprios do nosso continente africano e da nossa sub-região.

Reiterei com igual frequência as orientações e princípios gerais do nosso Partido e da nossa política interna e externa e reafirmei em cada ocasião as nossas solidariedades fundamentais e alianças, a nível internacional, como o nosso propósito de desenvolver relações de cooperação com povos e Estados, assim como as condições do exército desta cooperação.

Em muitas reuniões das nossas Organizações de Massas e de grupos diversos da nossa população, participei pessoalmente no processo indispensável de informação, esclarecimento, sensibilização e formação do nosso Povo e da sua mobilização para as tarefas da produção e construção nacional.

O balanço da nossa orientação e acção políticas é positiva.

Evocarei apenas os pontos mais marcantes da nossa acção no domínio político em 82. Prosseguiamos sem descanso à consolidação do nosso Partido e das Organizações de Massas.

## 1982 ERA UM ANO DE GRANDES ESPERANÇAS

1982 era um ano de grandes esperanças para o nosso Povo e para o nosso Partido. A realização do I Congresso Extraordinário no final de 81 e as importantes resoluções aí adoptadas, projectavam-nos para um relançamento, do PAIGC, como Partido Nacional e força política dirigente da nossa sociedade para a realização das aspirações legítimas do nosso povo. Foi o PAIGC que nos conduziu a independência e só o PAIGC nos poderá conduzir a uma sociedade em que todo o nosso povo possa usufruir do bem-estar social.

Mas se esse facto é bem claro para os nossos militantes e o nosso povo em geral e se enquadra no pensamento teórico do Fundador da nossa Nacionalidade, camarada Amílcar Cabral, terá de ser

a nossa prática política, hoje como ontem, a confirmar a sua justeza.

Em qualquer sociedade há contradições internas no processo de evolução e as pessoas que na nossa sonham com uma sociedade em que irão usufruir de privilégios à custa do nosso povo trabalhador, não poupam esforços para tentar destruir o nosso Partido quer actuando de fora, quer mesmo tentando minar o Partido por dentro.

Tais factos não são novos e Cabral apontou-nos desde sempre o caminho a percorrer para vencer.

Se ontem a Luta Armada, foi através de demonstrações na prática que éramos capazes de correr com os colonialistas da nossa terra que o PAIGC se impôs, hoje terá de ser também, através de uma prática que leve à melhoria das condições de vida do nosso povo, que o Partido continuará a impôr-se recebendo o apoio da grande maioria do nosso Povo.

## NÃO PODEMOS REPETIR OS ERROS DO PASSADO

Foram aliás, as incorrecções dessa prática e as suas desastrosas consequências, no período pós-independência que nos levou ao Movimento Reajustador do 14 de Novembro. Não podemos repetir os erros do passado porque se o fizermos estaremos a fazê-lo conscientemente e se os nossos inimigos nos tentarem induzir aos mesmos erros, o nosso Partido o PAIGC saberá combatê-los e destruí-los, tal como já o fizemos no passado.

Ao avaliarmos o trabalho do nosso Partido no ano que terminou encontramos umas realizações que nos dão grande satisfação e aumentam a nossa

Há que procurar na nossa prática política os erros que dificultam o funcionamento normal das organizações de base.

Há que combater o afastamento da direcção em relação as massas, pois a ligação estreita entre as massas e a direcção do Partido foi uma das razões fundamentais do sucesso da nossa Luta Armada.

Só a aplicação correcta do centralismo democrático, da democracia revolucionária e da crítica e autocritica nos poderá levar a um reforço do papel do Partido. Um militante do nosso Partido não deverá ser um mero executante das decisões dos organismos superiores, mas deve sim, participar nessa tomada de decisão para poder executá-la mais conscientemente.

Os nossos dirigentes devem ser responsáveis perante a massa dos militantes. Amílcar Cabral alertou-nos sempre para a necessidade do aumento da participação e contróle das massas em torno do Movimento de Libertação como forma de evitar os desvios possíveis dada a composição da sua direcção.

Com a experiência da luta e através da análise dos erros que cometemos temos de encontrar as vias correctas para que o Partido de Cabral se torne realmente cada vez mais a força política dirigente da nossa sociedade. Para isso torna-se indispensável melhorar cada dia que passa a nossa prática política. É necessário agir, agir sempre e agir cada vez mais e melhor.

Foi com satisfação que seguimos a realização do I Congresso das Mulheres da nossa terra, bem como a II Conferência da JAAC.



Os nossos camponeses serão os primeiros beneficiários do seu próprio esforço do desenvolvimento

confiança no futuro. Começamos a dar ao aparelho partidário a dimensão e a capacidade que lhe é exigido pelas tarefas que deve desempenhar, desde a existência em tempo integral de um Secretário Permanente do Comité Central, à criação das várias Comissões do Comité Central e aumento do número de camaradas que, em tempo integral se dedica às tarefas partidárias.

Também foi um avanço a elaboração de regulamentos para reger o funcionamento das estruturas partidárias a diversos níveis.

Dotamos assim o nosso Partido de estruturas, regulamentos e quadros mas torna-se necessário dinamizar o seu funcionamento.

E para que o Partido funcione é indispensável que funcionem as suas organizações de base, pois elas são os pulmões do Partido.

Essas realizações foram pontos altos das actividades das organizações de massas do nosso Partido no ano que agora acabou.

A capacidade de organização, a seriedade dos debates e a clareza das conclusões levam-nos a confiar totalmente na UDEMU — Organização renascida no Congresso das Mulheres — e ter esperanças numa intervenção cada vez maior e mais consciente das mulheres da nossa terra em todo o processo de luta para a construção da nova sociedade.

Os jovens do Partido deram-nos provas de uma maturidade política assinalável pela forma franca, consciente e honesta como abordaram os problemas com que a nossa sociedade se debate nesta fase da luta.

O nosso Partido, poderemos dizer, saiu com uma vitalidade nova da recente conferência da

# palavras

JAAC. Se antes tínhamos confiança no futuro do PAIGC, hoje temos mais, pois existe uma juventude disposta a lutar contra tudo o que possa pôr em causa o PAIGC e o pensamento de Amílcar Cabral.

No ano em que agora entramos, 1983, o nosso Partido e o nosso povo irão comemorar o décimo aniversário do covarde assassinato do camarada Amílcar Cabral.

## FAZER DE 1983 O ANO DE REAFIRMAÇÃO DO PAIGC

Para além das realizações que marcarão esse acontecimento, a melhor homenagem que poderemos prestar a Cabral será a de fazer que o ano de 83 fique marcado como o ano da reafirmação do PAIGC como força política da nossa sociedade.

No ano de 1983 iremos também comemorar o décimo aniversário da proclamação da nossa independência. Em 24 de Setembro de 1973 nas matas do Boé, o nosso povo dirigido pelo nosso Partido realizava um acto sem precedentes na história da criação dos Estados Modernos. Um povo colonizado levantou-se contra a dominação, lutou, libertou grande parte do seu território e proclamou unilateralmente a existência do seu Estado independente. A visão genial do processo de luta, de Amílcar Cabral realiza-se na prática pois o instrumento de luta por ele criado, tal como ele o imaginava, sobreviveu ao seu desaparecimento dando continuidade à sua obra.

### Camaradas e compatriotas!

Ao dirigirmos esta mensagem propus-me congregá-la às questões e problemas internos bem como às directrizes e metas prioritárias de um programa de acção para o nosso desenvolvimento. Estes temas parecem-me corresponder às nossas preocupações quotidianas e por essa razão devem merecer a nossa atenção e reflexão nesta data particularmente propícia a uma tomada de resoluções que nos guiem e orientem no decorrer do Ano Novo e do futuro próximo e imediato do nosso País.

Muitos esforços e sacrifícios foram já consentidos pelo nosso povo, sob a orientação do nosso Partido, o PAIGC e do nosso Governo no sentido de melhorar as condições de vida, trabalho e de restaurar os equilíbrios de base da nossa economia e promover o seu relance. Devemos, contudo, reconhecer que os resultados alcançados nem sempre corresponderam às expectativas justamente fundadas nos objectivos do Movimento Reajustador do 14 de Novembro.

É nosso dever questionarmo-nos sobre as causas da modéstia dos resultados que obtivemos no domínio económico, e atacarmo-nos com renovado vigor e determinação contra os obstáculos, sejam quais forem, que persistem em impedir e contrariar a realização dos objectivos a que nos propusemos atingir colectivamente no 14 de Novembro.

## AS RECTIFICAÇÕES DA POLÍTICA ECONÓMICA NÃO FORAM AINDA ALCANÇADAS

Há que promover necessárias rectificações da política económica e o relance geral da produção, objectivos prioritários do nosso engajamento no 14 de Novembro que não foram, porém, ainda alcançados.

Devemos ser capazes de quebrar os elos do círculo vicioso da penúria de bens e factores essenciais, que reduz a nossa produção, agrava em consequência o desequilíbrio do nosso comércio e contas internas e externas.

A definição das novas prioridades de investimentos do sector público e privado, a reorientação e mais rigorosa gestão dos meios financeiros e humanos disponíveis e o necessário tratamento de choque imposto pela degradação da nossa economia e do nosso aparelho produtivo, sofreram adiantamentos que espero serão recuperados pela imediata e estrita aplicação do programa de estabilização, a vigorar a partir deste Primeiro de Janeiro, deste Novo Ano.



Em Maputo provámos ao mundo de que tínhamos a razão para fazermos o 14 de Novembro

A improvisação, o amadorismo, gastos inúteis e sumptuários, não podem ser tolerados e nem são admissíveis após os anos já decorridos de inesperienza e experimentação.

É porém falso atribuir somente à fraqueza, omissões e insuficiências das estruturas da nossa administração pública a lentidão e desacertos na aplicação das proposições e metas emanadas do Partido e do Conselho da Revolução e dos correctivos que se impunham após o longo trabalho de diagnóstico e análises realizadas pelas Comissões de Inquérito que criámos para este efeito.

## O NOSSO APARELHO PRODUTIVO DEVE SER ACELERADO

A passagem da análise à aplicação de soluções concretas que se impõe para a urgente rectificação da nossa política económica e restauração do nosso aparelho produtivo deve ser acelerada.

Devemos rever e adaptar os nossos métodos de trabalho, redefinir e encurtar os circuitos demasiados longos com que são preparados e tomadas as decisões da alçada do poder executivo.

O atraso das decisões ou a sua não intervenção, não somente protela a solução de nossos problemas urgentes, mas cria vazios institucionais ou falsas margens de iniciativas preenchidos por decisões prematuras ou em contradição com as opções da política geral já definida.

Para responder às pressões dos problemas conjunturais ou a proposições, financeira ou técnica-mente sedutoras, tomam-se iniciativas sectoriais ou parcelares ou se assumem compromissos que comprometem a coerência ou eficácia de uma orientação global já delineada ou adoptada.

E portanto o nosso Partido e as nossas instituições responsáveis pela elaboração e definição do projecto global que orienta a edificação colectiva da nossa sociedade, não têm falhado a sua missão de fixar os objectivos, traçar as metas, definir as prioridades e directrizes gerais que permitirão concretizar as nossas aspirações de liberdade, de justiça e de bem-estar para o nosso povo.

Os nossos recursos e potencialidades naturais,

as qualidades e iniciativas da nossa população asseguram-nos por outro lado a viabilidade e realismo do projecto de sociedade que sonhámos para o nosso País.

Compete-nos não protelar as medidas e acções que encaminhem a sua realização, não perdermos energias e tempo em querelas inúteis e jogo de ambições pessoais, que provocam o enfraquecimento do consenso nacional indispensável à magna tarefa da construção da nossa sociedade.

A ausência de um documento do plano, que espero será enfim preenchida, não justifica o adiamento da efectiva aplicação na prática da prioridade atribuída a agricultura alimentar e comercial. As medidas que se impõem inúmeras vezes preconizadas, como condições desta prioridade: — Reforma do comércio;

- crédito agrícola;
- apoio técnico e material à agricultura camponesa;
- obras de ordenamento rural;
- meios de estocagem intermediária;
- facilidades de transporte e ligações inter-sectoriais e inter-regionais;
- apoio às iniciativas populares locais;
- apoio às iniciativas privadas;
- reforço das estruturas técnicas dos Ministérios nas regiões e zonas agrícolas;

nem sempre corresponderam na prática, à alocação anual dos meios orçamentários e humanos e aos programas de investimentos de cada ano.

## AS POPULAÇÕES RURAIS SERÃO PRINCIPAL BENEFICIÁRIO DIRECTO DO SEU PRÓPRIO DESENVOLVIMENTO

Os projectos de desenvolvimento rural integrado devem constituir o quadro operatório preferencial para o aumento da nossa produção, obtendo simultaneamente a melhoria das condições de vida do ho-

Continua na página 7

# Campeonato reala na próxima quarta

● Pontapé de saída em segundas categorias

O campeonato nacional de futebol foi interrompido devido à cedência do estádio Lino Correia à Igreja Católica para a realização duma cerimónia religiosa. Por motivo da montagem dos estrados no rectângulo do jogo, os encontros não se efectuam nestes dias.

No entanto, para compensar esta lacuna, a Federação marcou os jogos para os dias 4 e 5, e 8 e 9 de Janeiro respectivamente para a disputa da 12.ª e 13.ª jornadas. Enquanto isso, na próxima quarta-feira dar-se-á início ao campeonato de reservas do Sector Autónomo da Cidade de Bissau.

Jogos da primeira categoria relativos à 12.ª jornada: terça-feira, dia 4 de Janeiro, pelas 21 horas, Sporting-Ténis e na noite de quarta-feira, dia 5, UDIB-Benfica e à tarde do mesmo dia, Tombali - Canchungo, Gabú-Bissorã, Bula-

-Quinara, Bolama-E. Bissau, Farim-Ajuda e Bafatá-Mansoa. Décima terceira jornada: dia 8, sábado, pelas 16,30 horas E. Bissau-Farim e e pelas 21 horas Ajuda-Sporting; dia 9 de Janeiro, domingo, pelas 16,30 horas Ténis-UDIB e, pelas 21 horas, Benfica-Bafatá. O encontro Quinara-Bolama foi antecipado para sábado dia 8 de Janeiro do próximo ano e os restantes jogos serão realizados no dia 9: Tombali-Gabú, Bissorã-Bula e Canchungo-Mansoa.

A primeira jornada do campeonato de reservas será efectuada nos dias 5, 6 e 9 de Janeiro com os seguintes encontros respectivamente: Sporting-Ajuda pelas 16,30; UDIB-Benfica pelas 16,30 e E.N. Bissau-Ténis, pelas 7,30 horas.

## CASTIGOS

Victor Gomes, do Bula, foi punido com dois

jogos de suspensão e Ricardo Correia Dias, do Sporting, e Daniel A. Caetano Dias, do Benfica, foram punidos com três jogos, enquanto To-

apresentarem as licenças dos atletas: Bolama em 25,00 pesos; Balantas, 75,00 pesos; Atlético de Bissorã, 100,00; Ténis Clube, 50,00 e UDIB

## Tabela classificativa

	J	V	E	D	GM	GS	P
BENFICA	11	9	2	-	28	7	20
Bafatá	11	9	2	-	27	7	20
Sporting	11	8	3	-	38	9	19
UDIB	11	7	3	1	21	7	17
Ajuda	11	7	2	2	20	7	16
Canchungo	11	5	3	3	17	16	13
E. N. Bissau	9	5	1	3	20	9	11
Gabú	11	4	1	6	12	20	9
Balantas	10	4	1	5	13	9	9
Bula	11	3	2	6	9	14	8
Bissorã	11	3	2	6	10	36	8
Ténis	10	3	1	6	11	13	7
Farim	11	1	3	7	9	18	5
Bolama	11	1	2	8	3	23	4
Tombali	8	0	1	7	4	18	1
Quinara	10	0	1	9	9	37	1

tola Camará, do Bissorã, teve a pena de um jogo. Foram multadas as seguintes equipas por não

25,00 e a mesma quantia mais 25,00 pesos por falta de numeração nas camisolas.

## Corrida de São Silvestre

A tradicional corrida de S. Silvestre será efectuada, como é habitual, no dia 31 de Dezembro pelas 21 horas. Organizada pelo Departamento

de Actividades Circum-Ecolares (DACE) em colaboração com a ENEFD (Escola Nacional de Educação Física), esta prova de atletismo terá como

ponto de partida a Avenida Amílcar Cabral em frente aos Correios.

As inscrições encontram-se abertas no Ministério da Educação (DACE) e na ENEFD até

ao dia 31 do corrente e pode, inclusivamente, ser efectuada no próprio ponto de partida. Admitem-se candidatos nacionais ou estrangeiros de ambos os sexos.

## Seleções

A Direcção da Federação Nacional de Futebol reuniu-se, na passada quarta-feira, com os técnicos, massagistas e preparadores físicos que estarão à frente das seleções de sénior e júnior. Durante esta segunda reunião, cada técnico entregou, uma lista de 30 seleccionados de onde sairá posteriormente o plantel definitivo. No entanto, ficou decidido que a escolha dos responsáveis directos de cada uma das equipas ficará ao critério da FNF.

A próxima reunião será realizada provavelmente na próxima segunda-feira.

## Anúncios

### VENDEM-SE

Um fogão a gaz de quatro bocas, em estado novo e uma máquina de escrever «Azerty», em segunda mão.

Informação no local, Rua n.º 16, Anexo n.º 3 (junto ao Ministério dos Negócios Estrangeiros).

## 24 anos de existência do Ténis e só 10 sócios efectivos

Apesar de inúmeros problemas financeiros, chegando ao ponto de ter tido duas saídas grátis graças ao apoio solidário de duas pessoas e a suspensão do pagamento de quotas porque muitos sócios voltaram as costas ao Clube afirmando que a equipa de futebol não «pega teso», inclusive membros fundadores, o Ténis Clube não debate com crise directiva.

No entanto, esta colectividade adaptou-se à sua própria realidade. Não

tendo problemas complexos de gestão por inexistência de secções de outras modalidades, «possuímos uma pequena direcção constituída por cinco elementos e um núcleo de apoio formado por Manuel Simões, Celso, Laca e Leão Pina Araújo — disse-nos António Burgo Tavares, um dos elementos daquela pequena direcção.

Esta colectividade, contrariamente a muitas outras de maior projecção, deu um apoio inculcável ao basquete

formando no seu banco. No início da libertação total da Guiné-Bissau, forjaram muitos praticantes que ainda dão fôlego ao basquetebol guineense, caso de Tuco, Beto, Alexandre, Patchu, Teixeira entre outros. Contudo, a situação financeira do clube é de tal maneira caótica que não pensa relançar as restantes modalidades. «Pois, explica Burgo, o subsídio que recebemos da FNF foi utilizado na aquisição de equipamentos da equipa de futebol

e na liquidação de algumas dívidas. Nada possuímos no cofre, nem dinheiro temos para as deslocações ou para garantir a alimentação dos jogadores da equipa de futebol.

Fundado há 24 anos, precisamente a 28 de Dezembro de 1958, conta com cerca de 100 sócios que figuram na lista da colectividade, mas somente 10 contribuem. Por esse facto, foi suspenso o pagamento das quotas até que o problema seja estudado e devidamente solucionado. Burgo, aproveitando a oportunidade oferecida pelo nosso jornal, apela aos sócios no sentido de zelarem para os interesses do clube, porque se dantes possuía uma boa equipa de futebol foi fundamentalmente devido ao apoio dos sócios.

Deu-se um caso insólito: no decorrer da nossa conversa com António Burgo Tavares, a que assistiram três jogadores da equipa e após a pergunta sobre a fundação desta colectividade, o

nosso interlocutor lembrou-se que era esse o dia do aniversário. Pura coincidência, mas nem por isso, deixamos de brindar pelas 24 primaveras do clube. Concretiza que muitos sócios e inclusivé alguns fundadores esqueceram-se desta data histórica para os tenistas. Aqui vão os nossos parabéns e votos de melhores dias.

### BOLAMA: PROVÁVEL REUNIÃO DA DIRECÇÃO

Segundo informações que recebemos do Presidente do Estrela Negra de Bolama, a direcção desta equipa reúne-se hoje para solucionar problemas que surgiram no seio da mesma.

Por outro lado, na agenda estará igualmente inscrita a situação do treinador que actualmente é substituído pelo jogador-treinador Fanu.

Entretanto, o tipo e a origem da crise que atravessa a direcção do clube insular não nos foi revelado.

## Basquete júnior Catorze países no mundial

Catorze equipas participarão no segundo campeonato do mundo em basquete júnior (masculino) de 14 a 28 de Agosto próximo, em Espanha, nas cidades de Palma de Maiorque, Mahon e Ibiza.

Tratam-se das formações classificadas nos três primeiros lugares após o torneio mundial disputado em 1979, ou sejam os Estados Unidos, Brasil e Argentina, do país organizador (Espanha), dos campeões de África (Angola), da América do Norte (Canadá), da América do Sul (Uruguai), da Ásia (Filipinas), da Europa (URSS), da Oceania (Austrália) e o campeão da América Central só será conhecido após o torneio que terá lugar de 11 a 20 de Março na República Dominicana. Os últimos lugares estão reservados a três convidados da Federação Internacional: Jugoslávia, Itália e RFA.

Os EUA e a Espanha foram directamente qualificados para a fase final, enquanto que as outras doze formações, repartidas em três grupos, participarão na fase inicial.

### ANDEBOL AFRICANO

As formações da Argélia e do Egipto qualificaram-se para a fase final do segundo campeonato de África em andebol júnior na categoria de homens, ao baterem respectivamente a Nigéria (17/15) e o Senegal (30/24).

De salientar que a equipa feminina da Costa do Marfim sagrou-se campeã de África em júnior, em detrimento das nigerianas.

## Marcadores

Vinte e cinco golos foi a «colheita» da décima primeira jornada, dos quais quatro pertenceram aos primeiros quatro lugares: Ciro, do Sporting, que ocupa o cume com 13 tentos, Agostinho, do Estrela de Bissau, com nove golos, Gomes, do Bafatá, que compartilha a terceira posição juntamente com Djudju (UDIB), Ocante e Lay (Sporting) todos

com sete tentos e Ença, também do Bafatá, que emparceirado com o benfiquista Isaac possui agora seis tentos apontados.

Com cinco tentos temos o udibista Chico e o ajudense N'Pebé, seguidos de perto por um grupo formado por cinco marcadores com quatro tentos: Iano (Ténis), Biri (Benfica), Rodrigues e Silvério (Gabú) e Cussa-

far (Balantas).

Um outro grupo mais ou menos vasto e composto por 11 artilheiros ocupa a última posição desta lista com três tentos apontados: Victor (Sporting), Lebre (Benfica), Mama Saliu (Bafatá), Nicolau e Lentin (Ajuda), Fomi (Estrela de Bissau), N'Djolea (Farim), Ussumane Salla e António Gomes de Futebol Clube de Canchungo.

# Mensagem de Fim de Ano do camarada Presidente

## Continuação das centrais

mem do campo. Dentro desta opção, as nossas populações rurais e das tabancas serão o principal actor e beneficiário directo do seu próprio desenvolvimento e poderão de novo reassumir, como no tempo da luta, o eminente papel de corresponsáveis da nova luta em que nos achamos engajados.

Tal opção não exclui igualmente que se ponham na prática as decisões relativas ao incentivo às culturas e explorações comerciais de propriedade cooperativa, privada ou de iniciativa estatal.

Uma e outra área desta meta de acção, permitir-nos-ão atingir o primeiro objectivo da nossa política económica, ou seja, a rápida auto-suficiência alimentar, principal parâmetro do nosso primeiro plano de desenvolvimento sócio-económico e preocupação dominante dos Ministérios Técnicos, que devem ser implicados seriamente na sua efectivação.

A valorização dos recursos primários florestais, haliêuticos e agrícolas constitui o segundo eixo do nosso primeiro plano e da reorientação da nossa política industrial.

Desde o 14 de Novembro, evidenciámos os erros das escolhas operadas no sector industrial, denunciámos as falhas da programação das implantações industriais, a inadequação das áreas escolhidas, do dimensionamento da tecnologia empregada. A medida que foram sendo estudados os dossiers de cada indústria em funcionamento, ou em fase de instalação no nosso País constatou-se igualmente a existência no seio das nossas empresas industriais de problemas técnicos, financeiros e administrativos que ainda não conseguimos superar.

## VALORIZAR E RENTABILIZAR OS INVESTIMENTOS JÁ EFECTUADOS

A revalorização, reconversão e relance destes investimentos industriais já efectuados constitui tarefa de urgência a levar-se à cabo no decurso do programa de estabilização e primeiro ano de execução do plano. Neste domínio, como nos demais, importa antes de tudo, valorizar e rentabilizar os investimentos já realizados, completar e consolidar os programas já em curso.

A nova política industrial que se irá aplicar caracterizar-se-á pelo seu realismo e pela clareza dos princípios directores que regulam as futuras decisões de investimentos industriais.

No que concerne aos seus objectivos e finalidades, ela incidirá sobre a valorização dos produtos de origem agrícola e produtos naturais mais abundantes do nosso solo, subsolo e águas territoriais, cuja exploração, nos permita obter os recursos financeiros de que tanto carecemos actualmente para fazer face aos nossos compromissos externos reestabelecer e aumentar a nossa liquidez em divisas.

De ponto de vista de suas estruturas a nossa escolha orientar-se-á por critérios que nos assegurem não somente a sua viabilidade financeira e económica, mas igualmente a sua capacidade de melhor inserção no quadro geral da nossa economia e sociedade e do fraco nível de desenvolvimento técnico e administrativo.

Do ponto de vista das estruturas jurídicas, assegurados e salvaguardados os princípios não negociáveis, da nossa plena autonomia de decisão e iniciativas e da defesa intransigente dos direitos do nosso País e de seus interesses, admitimos que a valorização industrial de nossos recursos naturais se faça através de investimentos públicos, mistos, privados ou cooperativos.

A exploração racional das nossas potencialidades naturais e dos recursos minerais e energéticos constitui uma das condições da obtenção de uma estabilidade durável e de progresso social efectivo que nos importa alcançar, como única alternativa para a excessiva dependência externa actual. Neste sentido a nossa política industrial foi até agora demasiado tímida e hesitante.

Quero, enfim, evocar a necessidade para o nosso País de favorecer igual e simultaneamente a preservação e o desenvolvimento do artesanato tradicional utilitário e artístico, cuja contribuição para a economia e bem-estar de nossas tabancas é de valor apreciável.

A questão concreta que põem as novas iniciativas industriais e o necessário desenvolvimento das infra-estruturas é a de se encontrar os termos de um compromisso racional entre a urgência do

realizar-se algumas dentre elas e a imperiosa necessidade de se assegurarem simultaneamente as condições da sua execução, concreto funcionamento e conversação, tendo em conta as coacções do tempo, meios financeiros e humanos.

## DEFINIR AS METAS DE ACORDO COM AS CONDIÇÕES REAIS DA NOSSA ECONOMIA

Nestes domínios como nos demais deve-se escolher e seguir estritamente uma ordem de prioridades operacionais coerentes com as metas gerais do primeiro plano e consentâneas com as condições reais da nossa economia.

Não será «*»* decurso dos próximos quatro anos que iremos resolver todos os nossos problemas mas com inteligência, seriedade e continuidade do esforço, poderemos resolver muitos deles.

Os objectivos de acção conjugada do Estado e de todas as forças vivas e produtivas da Nação, as prioridades e meios de acção nos próximos anos serão precisados pelos diversos documentos do Plano e de certa forma já antecipados e sintetizados no Programa de Estabilização. Velarei pessoalmente para que o nosso Governo, as nossas instituições e Organizações se engajem na sua aplicação.

A concretização dos nossos ideais de autonomia, justiça e progresso social passa obrigatoriamente pela adesão e engajamento de todos à realização do Primeiro Plano no qual se polarizam a nossa estratégia de desenvolvimento, os objectivos e exigências que constituem o objecto do consenso nacional a que convido a todos a aderir sem qualquer reservas.

Este indispensável consenso assegurará a preservação da nossa unidade e a necessária estabilidade do nosso País bem como à eficácia da nossa acção.

Ao inaugurar o Novo Ano não me é infelizmente concedido anunciar ao povo, governo e a adminis-

- a reforma administrativa
- a gestão dos quadros e da assistência técnica
- a recuperação do aparelho produtivo público.

Importa ainda ao nosso Governo engajar-se na renegociação da nossa dívida externa, criação e a procura dos meios financeiros que possibilitem a realização do nosso Programa de Estabilização e do nosso Plano.

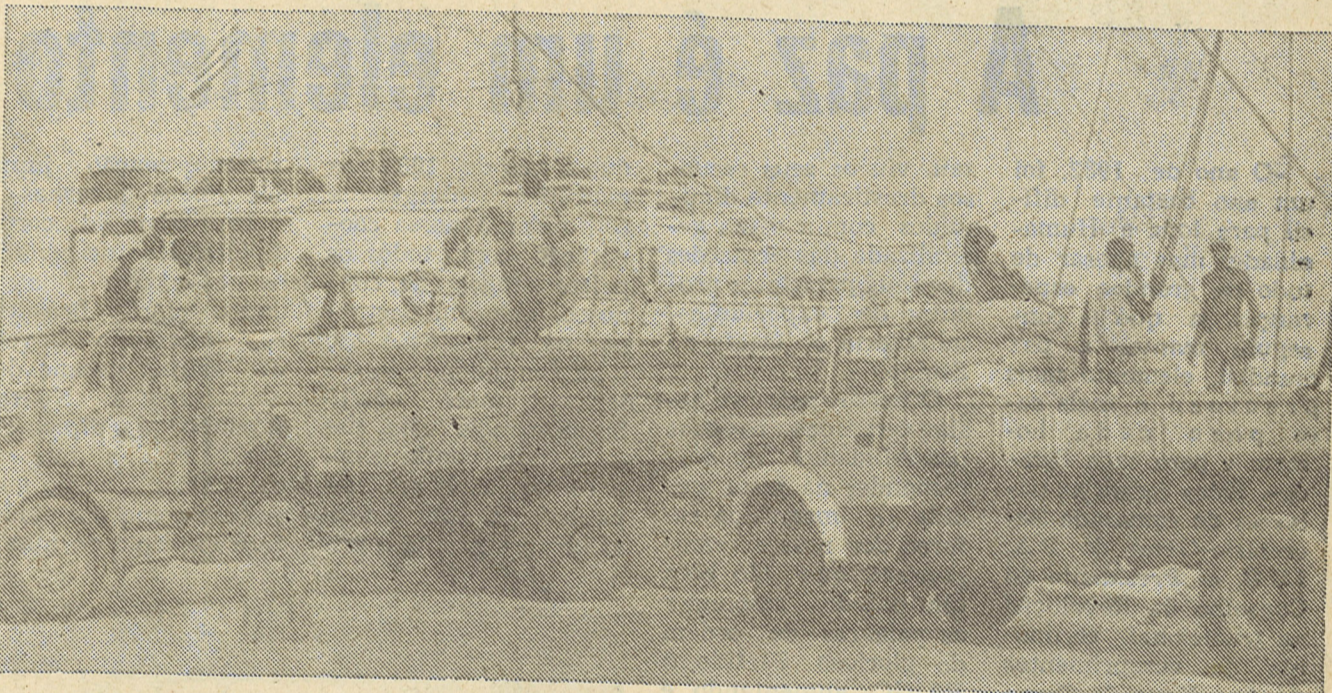
Para tal, teremos ao mesmo tempo, de restabelecer a credibilidade e exemplaridade da acção do nosso Estado e da nossa Administração, ultimando a preparação dos nossos documentos adequados à negociação das ajudas e assistência internacionais, desenvolvermos uma acção corrente e coordenada junto dos nossos amigos e parceiros políticos e económicos externos.

## O APARELHO ESTATAL NÃO TEM CORRESPONDIDO O ESFORÇO DE CAMPONESES

No tocante ao aparelho do Estado constatámos porém que não respondeu com o mesmo entusiasmo e eficácia dos nossos camponeses aos estímulos e perspectivas do movimento Reajustador, retomados e renovados pelo primeiro Congresso Extraordinário.

Não obstante a privação de bens, serviços e meios de trabalho a que foram submetidas, as nossas populações activas do mundo rural deram provas da maior determinação no trabalho, iniciativa e senso cívico. Os resultados da campanha agrícola do ano findo são provas desta determinação.

O relativo imobilismo e o pouco rendimento da nossa administração e serviços públicos e dos nossos agentes da Função Pública, tanto ao nível de regiões e sectores é inaceitável e não se pode



A reforma de circuito comercial é necessária e urgente

tração novas facilidades em nosso trabalho nem o desaparecimento da penúria que nos oprime ou a súbita realização dos ideais e aspirações que nos animam desde os primórdios da nossa Luta de Libertação.

Asseguro porém a todos que iremos conseguir estabelecer as condições que antecipem este momento, custo isto maior trabalho, rigor e disciplina sem falha e aplicação de restrições materiais e austeridade maiores para os grupos até agora relativamente privilegiados da nossa sociedade.

A concreta execução do novo plano de importações e da reforma das estruturas do comércio irá constituir uma das preocupações dominantes do nosso Governo e permitirá concretamente uma repartição mais justa dos produtos de que tanto necessitam o nosso mundo rural, e aquelas empresas projectos e grupos activos da nossa população que estejam realmente empenhados no aumento da nossa produção.

Sabemos porém, que para atingir este e outros objectivos do nosso plano não nos bastam tomar as medidas institucionais e estruturais indispensáveis que irão incidir sobre:

- o aparelho comercial
- a gestão e o controle da economia

explicar nem justificar apenas pela pobreza real de meios materiais comuns aos nossos serviços, pelo número reduzido de quadros técnicos e pelo baixo nível de qualificação dos nossos agentes da Função Pública.

A lentidão, negligências, ausência de iniciativas e de esforços observados nos diversos escalões dos serviços e empresas públicas, contribuem grandemente para a esterilização das nossas múltiplas impulsões e orientações, podendo conduzir ao bloqueio da Administração e levam, como última consequência ao descrédito do Estado, tanto a nível interno como externo.

Por isso, a reorganização da nossa administração e empresas e a permanente elevação do nível e qualidade da Função Pública e seus agentes é uma tarefa prioritária a que temos de nos engajar sem demoras, com método e rigor, já que a eficácia do aparelho administrativo e burocrático do Estado é-lhe tanto mais indispensável, quanto são amplas e mais complexas, como no nosso país, as suas atribuições e funções.

Os vários níveis em que se estruturam o corpo dos serviços do Estado e que passam pelas instân-

Continua na página 8

# Mensagem de Fim de Ano do camarada Presidente

Continuação da página 7

cias de orientação e programação, de direcção executiva, de enquadramento intermediário, de execução directa, de serviços auxiliares carecem ser instituídas, analisadas e racionalizadas. O não funcionamento interno e a grave ausência de complementaridade e solidariedade existente entre os nossos departamentos devem ser corrigidos através de melhor definição de suas áreas específicas de atribuições e competências, de métodos e normas eficazes de decisão, de delegação de poderes de controle, que permitirão maior rentabilização dos poucos recursos materiais e humanos de que dispomos e maior eficácia da acção sectorial e global do Estado.

A nossa decisão de integração e melhor aproveitamento dos nossos quadros técnicos jovens não teve o seu completo seguimento; impõe-se ainda utilizar com maior plenitude o valioso capital humano que a cooperação técnica coloca à disposição dos nossos ministérios e empresas:

A correcta repartição destes quadros entre os serviços centrais e regionais, bem como a prática de uma ampla delegação de autoridade e atribuições devem ser realizados, libertando instâncias superiores do poder do Estado para as funções que lhes são próprias de direcção superior de orientação e controle.

## AS RECTIFICAÇÕES DA POLÍTICA ECONÓMICA OBJECTIVOS DE 14 DE NOVEMBRO NÃO FORAM ATINGIDOS

As necessárias rectificações da política económica e o relance geral da produção, objectivos prioritários do nosso engajamento do 14 de Novembro não foram, porém, ainda alcançados.

No âmbito da nossa política externa reforçamos a nossa presença na cena política africana, aprofundamos as nossas relações e cooperação com vários países, como os nossos vizinhos, os países da expressão oficial portuguesa, a União Soviética e a comunidade socialista, a Argélia e os países Árabes e prosseguimos com sucesso os esforços que vinham sendo empreendidos no sentido da ampliação e consolidação das nossas relações de amizade e cooperação com Portugal, França, Estados Unidos de América, Holanda, Suécia, Brasil, Bélgica e outros países.

Conto pois, poder agradecer pessoalmente a todos os povos e os respectivos governos que têm contribuído para o progresso e o desenvolvimento do nosso país com a sua solidariedade para conosco que, espero, continuaremos a merecer nos difíceis anos que se avizinham, primeiro que as forças produtivas do nosso país estejam plenamente desenvolvidas.

## NORMALIZAÇÃO DA VIDA INSTITUCIONAL

A tudo isso acresce ainda a necessidade da normalização da nossa vida institucional, já anunciada noutras oportunidades. Iremos assim, criar, no ano de 1983, comissões para a revisão constitucional e para a revisão da lei eleitoral.

A tarefa que nos espera em 1983 é portanto imensa e complexa. Tehno porém confiança e esperança de que todos unidos, povo, Partido e Governo à desempenharemos.

A solidariedade e a indispensável ajuda internacionais não devem e não podem constituir um substitutivo do nosso próprio esforço. O nosso de-

seenvolvimento não se fará e nem será um autêntico desenvolvimento se ele não se basear antes de tudo e sobretudo sobre as nossas próprias riquezas e nosso próprio trabalho, disciplina e perseverança.

No primeiro dia deste Novo Ano convoco e apelo, a nossa população, as Organizações de Massas, Administração e Partido para este engajamento nacional corajoso e renovado.

O único compromisso que iremos fazer, no início deste ano de 83, e temos a certeza de que iremos cumpri-lo, é que não pouparemos esforços para tornar realidade, passo a passo e de forma segura, as aspirações legítimas de nosso povo a uma vida melhor.

Tal como ontem na guerrilha, como no 14 de Novembro, estamos decididos a dar o melhor de nós mesmos para que Cabral e todos os que deram a vida pela libertação desta terra não a tenham dado em vão. Seremos rigorosos para com nós mesmos e para com todos os que de um ou de outro modo tenham tarefas a cumprir no quadro desta nossa luta.

Queremos antes de terminar fazer votos de óptima saúde, e grandes sucessos para todo o nosso Povo para que, em 1983, possamos dar um passo em frente no desenvolvimento da nossa terra.

## O ANO DE 1983 SERÁ UM ANO DE ACÇÃO E NÃO DE PALAVRAS!

Viva o 14 de Novembro!

Viva o Povo da Guiné-Bissau!

Viva o PAIGC — força — luz e guia do nosso Povo!

## Camarada Presidente ao Corpo Diplomático

# A paz é um elemento precioso

«O ano de 1982, foi um ano bastante difícil para toda a Humanidade, mas apesar de tudo de grandes esperanças, já que se conseguiu manter a paz mundial, elemento mais precioso e mais caro para cada homem e para cada Estado». Estas foram as palavras do camarada Secretário-Geral do P.A. I.G.C. e Presidente do Conselho da Revolução na tradicional cerimónia de cumprimentos do Ano Novo do Corpo Diplomático.

O acto teve lugar na tarde de quinta-feira no Salão Abel Djassi, no Palácio da República, na presença do camarada Víctor Saúde Maria, Vice-Presidente do Conselho da Revolução e Primeiro-Ministro, membros da direcção superior do Partido e do Governo.

Na sua intervenção o camarada Nino Vieira abordou a crise económica que afecta a maior parte dos países do nosso planeta e que atinge com maior dureza os países menos avançados, entre os quais nos situamos, teve sérias repercussões sobre a vida do nosso povo. «País essencialmente agrícola a Guiné-Bis-

sau, viu os seus recursos drasticamente diminuídos com a baixa generalizada das cotações dos seus principais produtos de exportação», salientaria o Chefe do Estado.

O nosso país vê assim cerceadas as suas possibilidades de responder na justa medida ao magnífico esforço dos nossos camponeses, que tão bem têm sabido responder às palavras de ordem do glorioso Partido, o PAIGC, aumentando e diversificando a nossa produção agrícola. «Apesar das enormes dificuldades — disse o camarada Presidente, — prosseguimos com afinco os nossos esforços no sentido de garantir ao nosso povo as condições mínimas que lhe permitam continuar a trabalhar para o progresso do nosso país e, por esta forma, dar assim a nossa modesta contribuição para o progresso da Humanidade». Estamos certos de que continuaremos a merecer o apoio solidário e a compreensão de todos os países amigos que nos têm ajudado na tarefa árdua e difícil da Reconstrução Nacional em que apostámos e, de

que o ano de 1983 nos permitirá alargar e consolidar a nossa cooperação com todos os países amigos que, conosco, queiram participar na construção de uma comunidade internacional mais equilibrada e mais justa, para o que continuamos a contar, senhores embaixadores, com a vossa sempre propta e efi-

caz intervenção junto dos vossos governos».

Em nome do corpo diplomático acreditado na nossa terra falou o embaixador Brasileiro, Raimundo Loyola de Castro, decano dos embaixadores. No seu discurso o diplomata brasileiro disse que «se me referir à nação guineense como um modelo e exemplo de huma-

nismo e altruísmo cuja aspiração maior, como a de todos os povos livres e soberanos, é a de levar de vencida as barreiras impostas pela luta titânica em que está engajada para realizar o seu projecto nacional».

Por absoluta falta de espaço, contamos retomar este assunto num dos próximos números

do nosso jornal.

Ainda na sua intervenção o embaixador Raimundo Loyola de Castro referiu-se ao Movimento Reajustador do 14 de Novembro e das reestruturações governamentais verificadas e a consequente reimplantação da filosofia política, económica e social, «não

(continua na pág. 10)





## Malawi Oposição ao presidente Banda

O ramo externo do Movimento para Liberdade do Malawi (Mafremo), cujo líder Orton Chirwa, está sendo actualmente julgado no Malawi «por conspiração» contra o presidente Kamusu Banda, jurou acabar com «19 anos de Estado policial» no Malawi.

Num comunicado publicado no início desta semana em Dar-Es-Salam, o Mafremo afirmou que o povo do Malawi «não teve liberdade, justiça, paz e democracia desde a independência do país em 1964».

Por ocasião do «primeiro aniversário do rapto do Chirwa da Zâmbia, o movimento de oposição malawita declarou que «o povo do Malawi sofreu muito com a situação» no país e que, por esta razão, «escolheu lutar contra o poder do Estado policial».

Orton Chirwa, antigo ministro da Justiça do presidente Kamusa Banda até 1964, teria sido segundo algumas informações, raptado na cidade fronteiriça zambiana de Chipata, na véspera do Natal de 1981, juntamente com a sua esposa e seu filho, e levado clandestinamente para o Malawi.

## Obstinação colonial da Namíbia Repetição de um erro

O general Constand Viljoen, comandante-chefe do exército sul-africano, declarou que as suas tropas não desocuparão a Namíbia em 1983.

Viljoen fez esta declaração no final de uma visita de inspecção à Namíbia por ocasião das festas do Natal.

«Estamos em condições de manter ainda por muito tempo a situação militar, afirmou, ou o tempo que for necessário para se encontrar uma solução durável na Namíbia».

Este discurso triunfalista, numa altura em que os movimentos de libertação intensificaram a luta armada, tanto na Namíbia ocupada como no interior do próprio país do «apartheid» — África do Sul não surpreende, pois já o ouvimos, na boca de outros colonialistas, noutros territórios dantes colonizados do continente africano, e sempre com o mesmo acento demagógico.

É a voz da velha ordem colonial que fala, ainda agarrada aos mí-

nicos poderes do passado, quando a realidade do presente é mais do que nunca a ascensão, lenta e dolorosa das forças do progresso.

Os colonialistas sul-africanos repetem também o mesmo estratagem dos seus antecessores quando falam de paz, e ao mesmo tempo os seus aviões bombardeiam cidades do sul de Angola, os seus comandos raptam patriotas na Swazilândia, matam refugiados no Lesoto e praticam sabotagens económicas em Mo-

gambique e no Zimbábue.

Mas já deixaram de intimidar. Essas demonstrações de força, destinadas em parte ao consumo da sua opinião pública, já não serenam os ânimos, não dão a imagem dum regime do «apartheid» forte.

Utilizando a «mão de ferro», tanto na Namíbia como na África do Sul, ignorando as resoluções das Nações Unidas sobre a descolonização do território namibiano, o governo racista de Pretória pensa estar ganhando tempo.

No entanto, os factos desmentem-no, já que no seio da própria minoria branca, os casos de dissidência crescem dia a dia.

Os exemplos mais recentes são a morte (em circunstâncias suspeitas) do universitário Neil Agett, que consagrou a sua actividade ao sindicalismo anti-apartheid, e a condenação da intelectual Barbara Hoggan, condenada a 15 anos de prisão, depois de ter proclamado em pleno tribunal a sua adesão aos ideais libertados do Congresso Nacional Africano (ANC), que dirige a luta armada na África do Sul.

Por outro lado, o prolongar da dominação e exploração colonial na África do Sul e na Namíbia, tem a sua contrapartida positiva no reforço da consciência política das massas populares e na radicalização da luta.

## Angola

### Remodelação governamental

A composição do governo angolano sofreu uma ligeira remodelação na segunda-feira, com a demissão pelo presidente da República, José Eduardo dos Santos, de dois vice-ministros e do Governador do Banco Nacional de Angola (BNA).

Anunciada antontem oficialmente, esta medida abrangeu o vice-ministro da Construção, Luís Fonseca dos Santos, o vice-ministro da Educação, o escritor Artur Pestana (Pepelela), e o Governador do BNA, Víctor de Carvalho. Este último foi substituído no seu posto pelo vice-ministro das Finanças, Augusto Texeira, que acumulará as duas funções.

Segundo os observadores, a partida destes três homens — com reputação de técnicos — suscitou uma certa surpresa em Luanda. Recorde-se, no entanto, que poderes especiais foram confiados ao presidente angolano, a 8 de Dezembro, no final da 11.ª sessão ordinária do Comité Central da MPLA — Partido do Trabalho.

Recorde-se que no decurso desta reunião, Ambrósio Lukoki, antigo ministro da Educação, fora excluído do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido. Dois dias depois, num discurso pronunciado por ocasião do aniversário da fundação do

MPLA, o presidente Eduardo dos Santos referiu-se às alterações da cooperação do Bureau Político e do Comité Central, considerando na altura «inaceitável que membros do Partido façam críticas fora dos órgãos a que pertencem».

Por outro lado, a agência noticiosa portuguesa — Anop — declarou que Fernando Costa de Andrade (Nduduma), escritor bastante conhecido, biógrafo oficial do presidente Agostinho Neto e actual secretário da União dos Jornalistas angolanos, teria sido preso no dia 22 de Dezembro último.

## NÃO-ALINHADOS

**TEERÃO** — O chefe de Estado iraniano, hojatolislam Ali Khomeini, aceitou o convite da Primeiro-Ministro indiana, Indira Gandhi, para participar na sétima cimeira dos países Não-Alinhados em Nova-Deli, anunciou antontem o jornal iraniano «Kayhan».

Esta viagem a Nova-Deli, a 7 de Março, constituirá a primeira saída oficial do estrangeiro dum presidente da República Islâmica do Irão.

## ORÇAMENTO

**VICTÓRIA** — A Assembleia do Povo das Seychelles aprovou na terça-feira o orçamento do país para 1983, cujo montante total é de 65 milhões de dólares. O presidente France Albert Rene, que é também ministro das Finanças, afirmou que a redução do défice da balança de pagamentos e a política dos empréstimos são os problemas que o governo deve abordar prioritariamente no próximo ano.

## GREVE EM ABIDJAN

**ABIDJAN** — Prosseguia ainda na terça-feira o movimento de greve iniciado na véspera do Natal pelos empregados do hotel «Ivoren», o maior da capital marfinense. Segundo algumas fontes, esta greve, que abrange algumas categorias de pessoal, teria sido desencadeada a seguir à recusa da direcção do hotel «Ivoren» de oferecer prendas aos filhos do pessoal por ocasião das festas natalícias.

## SEGURANÇA

**BULAWAYO** — As autoridades do Zimbábue reforçaram novamente o dispositivo de segurança no Maatabelleland (oeste do país) depois do ataque de sexta-feira passada contra três autocarros e um comboio. Este ataque foi realizado por antigos guerrilheiros do Movimento de Joshua Nkomo, que se revoltaram contra as autoridades. Em Julho, estes dissidentes raptaram seis turistas estrangeiros na mesma região.

## AMNISTIA

**BUENOS AIRES** — Cento e trinta e uma pessoas, presas por «actividades subversivas», foram libertadas e 30 outras ficarão em liberdade condicional na Argentina. O governo argentino tinha libertado na semana passada 82 pessoas, condenadas por conselhos de guerra especiais, também por «actividades subversivas».

## Chile: Bispos exigem restauração da democracia

A Conferência Episcopal chilena pronunciou um verdadeiro requisito contra a política do regime fascista do general Augusto Pinochet e pediu o restabelecimento da democracia e a abertura política, num documento publicado em Santiago do Chile.

Na opinião da Conferência Episcopal, o Chile vive uma crise social, económica, institucional e moral «extremamente grave» e é preciso «procurar uma saída construtiva enquanto ainda é tempo». «É urgente restabelecer os canais da participação política antes que o aumento das tensões provoque uma possível tragédia», acrescenta o texto divulgado na capital chilena.

«As violações da dignidade humana, as violências injustas impostas a alguns, a especulação, o esbanjamento e a misé-

ria» constituem outros tantos atentados aos valores cristãos, indicam os bispos.

No domínio económico, o documento destaca o elevado nível do desemprego, a quebra da produção, o montante da dívida externa e «a perda da credibilidade» das promessas de liberalização feita por Pinochet.

No domínio social, o texto menciona a supressão das «organizações intermediárias» (sindicatos) e as limitações impostas aos meios de informação, a «crescente» miséria e a violência. Os bispos declaram a este respeito que, relativamente aos Direitos do Homem, a constituição promulgada há dois anos não é aplicada.

«O renascimento do Chile — afirma o documento — exige que sejam preenchidas três condições fundamentais: o respeito pela dignidade humana,

o reconhecimento do valor do trabalho e o regresso a uma democracia plena».

A publicação desta mensagem episcopal regista-se duas semanas depois da rejeição, por Pinochet, de qualquer abertura política.

Os bispos pediram no passado mês de Novembro para serem recebidos pelo chefe de Estado, para lhe exporem as suas preocupações. Foi face ao malogro dos pedidos que decidiram publicar a referida mensagem, segundo indicou uma fonte religiosa.

Referindo-se pela primeira vez às circunstâncias em que foi dado o golpe fascista de Setembro de 1973, os bispos consideram que eventuais abusos que possam ter sido cometidos nessa época «não justificam uma tão longa interrupção da vida normal da nação».

# Visita do Primeiro-Ministro da Guiné-Conakry Reafirmada a vontade de alargar a cooperação

O camarada Lansana Beavogui, membro do Bureau Político do Partido Democrático da Guiné (PDG) e Primeiro-Ministro da República Popular e Revolucionária da Guiné deixou Bissau no final da tarde de quarta-feira, no termo de uma visita oficial e de amizade de três dias ao nosso país.

Durante a sua permanência no nosso país, a frente de uma delegação do Partido e Estado da Guiné-Conakry, composta pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, Abdulai Touré, do Comércio Externo, Mamunna Touré e da Geologia e Minas Ismael Touré, o camarada Beavogui efectuou uma visita de cortesia ao camarada Presidente Nino Vieira e deslocou-se às regiões de Bafatá e Gabú, acompanhado do camarada Vice-Presidente do Conselho da Revolução.

Num comunicado conjunto publicado no termo da sua visita, os chefes de Governo, Víctor Saúde Maria e Lansana Beavogui pronunciaram-se pela dinamização e concretização das medidas preconizadas em comum, nos vários acordos de cooperação já assinados.

Durante as conversações que decorreram no salão nobre dos Negócios Estrangeiros, foram criadas duas comissões de trabalho: uma encarregada do exame da questão das fronteiras marítimas, presidida pelo lado de Conakry por Ismael Touré e do lado de Bissau por João Cruz Pinto, Ministro da Administração Interna, Função Pública e Trabalho. A comissão ligada aos assuntos do comércio e cooperação bilateral foi presidida pelo lado da República da Guiné pelo camarada Mamunna Touré e pelo Guiné-Bissau por camarada Carlos Correia, Ministro do Comércio e Artesanato.

No plano internacional as duas partes deram uma atenção particular à situação africana e manifestaram a sua preocupação face à grave crise que afecta as relações internacionais.

No que concerne à situação na África Austral, as delegações da Guiné-Bissau e Guiné-Conakry reafirmaram o seu apoio indefectível à luta do povo irmão da Namíbia, sob a direcção da SWAPO exigindo, por outro lado, a aplicação da resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU sobre a Namíbia. Condenaram igualmente as agressões perpetradas pela racista África do Sul contra os países da Linha da Frente, reiterando o seu firme apoio à luta do povo sul-africano contra o regime do Apartheid.

Os Primeiros-Ministros dos dois países declararam-se preocupados pelas tentativas que visam perpetuar o colonialismo em África e retardar o processo da libertação total do continente.

No que diz respeito à crise que atravessa a OUA, foi reconhecida o papel importante desta organização no quadro da luta dos povos africanos pela independência, assim como a necessidade dos membros da organização de lutarem pela sua preservação e o reforço do seu papel, com vista à realização dos objectivos anunciados na sua Carta.

Ainda no comunicado conjunto, Lansana Beavogui convidou Víctor Saúde Maria a visitar oficialmente a República da Guiné. O convite foi aceite, e a data será indicada posteriormente.

As delegações reconheceram igualmente o carácter frutuoso das nossas relações de cooperação e pronunciaram-se pelo seu fortalecimento, com base na materialização integral de todas as medidas já preconizadas, bem como o seu alargamento a novos domínios.

Conforme o comunicado entregue à imprensa os dois chefes de Governo reconheceram a necessidade de desenvolver novos esforços no sentido de conferir às relações bilaterais uma qualidade que esteja na dimensão dos laços indefectíveis de san-

gue e de luta que unem os dois povos irmãos.

## DOCUMENTOS ASSINADOS

A questão da delimitação das fronteiras marítimas entre os dois países foi examinada durante a estadia entre nós de Lansana Beavogui.

Assim, decidiu-se considerar a Convenção de 12 de Maio de 1886 como documento de base para o prosseguimento das discussões, que esta convenção define com precisão a fronteira terrestre e, por motivo das divergências de interpretação, acordaram em submeter o problema

das fronteiras marítimas em litígio à arbitragem de uma jurisdição apropriada e aceite pelas duas partes. Decidiram ainda submeter os documentos aos governos respectivos a fim de permitir uma acção de interesse comum. A Comissão sobre os assuntos comerciais e de cooperação bilateral analisou questões comerciais, de transportes, relações bancárias e cooperação geral.

As delegações debruçaram-se sobre assuntos respeitantes a atrasados comerciais e decidiram que as liquidações serão feitas através de exportações de produtos nacionais. Por seu turno,

a Guiné-Bissau vai exportar para a Guiné-Conakry cerca de duas mil toneladas de mancarra no ano de 1983, além de madeira, produtos da Cicer, pescado, frutos frescos, mosaicos, óleo de palma, cigarros, óleo de mancarra, artigos de artesanato e automóveis da EGA.

Decidiram ainda reforçar as relações entre os bancos centrais, dinamizar os transportes entre os dois países e dar continuidade à cooperação no domínio da assistência técnica.

«A conquista da nossa independência abriu uma nova página nas relações entre os nossos dois países e favoreceu

a afirmação e a consolidação dos laços de cultura, de sangue e de luta entre os nossos dois povos irmãos, graças à promoção, em comum, duma cooperação multi-forme e exemplar que se estende progressivamente num número cada vez maior de domínios» — afirmou o camarada Víctor Saúde Maria durante o jantar oficial oferecido ao ilustre visitante.

Por seu turno o camarada Lansana Beavogui diria que «nenhum povo pode avançar sem dar a sua mão a outro» evocando em seguida o combate travado pelo nosso povo contra o colonialismo português.

## Cumprimentos do Ano Novo

(continuação de pág. 8)

há lugar para que subsistem razões de espécie alguma para atitudes pessimistas ou derrotistas em relação aos efeitos regeneradores das novas medidas preconizadas pelo Governo guineense. Muito pelo contrário, elas constituem em nosso modo de ver a grande alternativa com que conta a Guiné-Bissau para bem instrumentar-se a fim de fazer face aos embates e imensas dificuldades geradas pela crise que abala profundamente os alicerces da comunidade internacional».

A crise económica que assola o mundo e as relações Norte-Sul foram salientadas pelo embaixador da República Federativa do Brasil na Guiné-Bissau, que acrescenta que «os meios e processos para a superação dos imensos e inúmeros obstáculos a serem vencidos, não somente pelos países em desenvolvimento, como também pelos países desenvolvidos, já que formamos um todo uno e indivisível, passam pelo caminho de solidariedade, da cooperação e da ajuda entre todos, pois se a interdependência é um facto histórico, a convi-

vência solidária e construtiva é um dever moral para todos os Estados e povos do nosso orbe».

A terminar o seu discurso o diplomata brasileiro afirmou que «é-nos propícia esta grata oportunidade para reafirmar e reassegurar a Vossa Excelência Senhor Presidente, a firme e inabalável disposição de que estão animados nossos governos e organismos

internacionais, no sentido de, na medida do possível, dinamizar e diversificar aqueles programas. Pois, estamos plenamente conscientes de que os mesmos constituem, não apenas um elo vigoroso e fecundo de vinculação com o Governo e o povo da Guiné-Bissau, como ainda representam a sublimação dos ideais que inspiram e norteiam a convivência verdadeiramente

solidária entre as nações».

«As flores da nossa luta», através da sua organização — OPAD — estiveram presente nesta cerimónia de cumprimentos de Ano Novo, tendo saudado ao Chefe de Estado e reafirmaram a sua disponibilidade de estudar e trabalhar cada vez mais para honrar as gloriosas tradições de luta do nosso valente povo.

Jornal  
Nô Pintcha

Deseja  
a todos  
um ano de trabalho  
e prosperidade

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NÔ PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDACÇÃO: António Tavares, Baltazar Beblano, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.

### Festival de música africana em Dakar

O brio profissional evidenciado pelos artistas presentes no I.º Festival de Música Moderna da Zona Desportiva n.º 2, do Conselho Superior de Desportos em Africa, salvou a «honra da casa». O referido Festival decorreu na capital senegalesa de 27 de Novembro a 5 de Dezembro.

Estiveram presentes neste encontro musical as orquestras «N'Kassa Kobra», (Guiné-Bissau), o «Super Diamono de Dakar», o «Etoile 2000» e o «Super Etoile de Dakar» (Senegal), Orquestra da Juventude da Mauritânia, «Karantamba» de Banjul (Gâmbia), o «Bulimundo» (Cabo Verde), a «Kanaga» de Mopti, (Mali).

Paralelamente ao I Festival da Música Moderna, teve lugar, em Dakar, um simpósio sobre a Música Moderna, tendo o nosso país sido representado pelo camarada Fernando Jorge Castro Fernandes da Direcção Geral de Cultura.

(Ver Centrais)



## Kansala-Um projecto de pesquisa

Kansala, a velha capital do Império do Gabú foi visitada pelo nosso colaborador Carlos Calado, professor de História no Liceu Nacional Kwame N'Krumah, algumas semanas atrás. O objectivo desta viagem era de «ver com os próprios olhos o que restava da velha capital do Império do Gabú, destruída numa madrugada de Maio de (provavelmente) 1865, por um ataque poderoso por parte dos fulas de Futa-Djalón» pondo fim ao império dos mandingas e de orientar no sentido de uma pesquisa histórica. — (Ver página 4)



### Numa noite de cultura poeta e escritor Nicolas Guillen homenageado por artistas do nosso país

Como para o Fundador da Nacionalidade guineense, Amílcar Cabral «A Revolução é como uma forma de cultura», e para o Comandante em Chefe, Fidel Castro — «A arte é uma arma da Revolução» — tal encadeamento se produziu numa homenagem dos escritores e poetas da Guiné-Bissau ao poeta cubano, Nicolas Guillen, realizada a 15 de Dezembro em Bissau.

A este sarau cultural, organizado pela JAAC em saudação ao octagésimo aniversário natalício do homenageado, assistiu o Comandante da Revolução, Juan Almeida Bosque, vice-presidente do Conselho de Estado de Cuba socialista que era acompanhado pelo camarada Primeiro Ministro Saúde Maria.

(VER PÁG. 4)

### Ratos gigantes

Cientistas americanos conseguiram transformar ratos da espécie pequena em ratos gigantes, mediante a transferência de genes de ratazanas, confirmando-se assim a possibilidade de modificar as espécies animais, anunciou o Instituto Salk de Biologia de San Diego.

A experiência, que foi descrita pormenorizadamente no último número da revista científica britânica «Nature», consistiu em isolar o gene do crescimento na glândula pituitária da ratazana e introduzi-lo na estrutura de ADN (desoxiribonucleico) de genes de ratos pequenos.

O novo gene assim criado foi injectado em 170 embriões de ratos pequenos, de sete ratinhas grávidas. Dos 21 «bebés» que nasceram, sete apresentaram o novo gene, seis deles sendo de tamanho notável, até 1,8 vezes a dos seus irmãos de mesma ninhada.



## Escritoras africanas — seu papel na sociedade

Entre os cerca de 1 800 escritores africanos, há muito poucas mulheres. Em contrapartida, as descrições de mulheres na literatura africana são numerosas. Às vezes são vigorosas personagens secundárias, mas também podem ser a personagem principal. Quais são as mulheres de letras africanas? Que pretendem elas? E como estão representadas na literatura? Tais são algumas das numerosas questões colocadas por ocasião do 4.º simpósio internacional Janhe'nz Jahn organizado pelo Instituto de etnologia e de estudos africanos da Universidade de Mayence e realizado em Ingelheim e em Mayence (Alemanha Federal). Esta conferência, organizada a um ritmo trianual debruça-se, de cada vez, sobre um aspecto da literatura africana. Este ano, o tema foi: «A mulher em África como autora e figura literária», que aqui é analisado por Ulla Schild, para a revista «Afrika» da R.F.A..

## Necessidade de responsabilidade

A literatura escrita expandiu-se em África logo após o aparecimento do alfabeto. Mas, a princípio, só os rapazes iam à escola. Quando as raparigas começaram a ler também, tornaram-se boas estudantes, é certo, mas não ousavam penetrar em domínios considerados exclusivamente masculinos, nomeadamente, a escritura. E, mesmo quando fizeram isso, escreveram o que pensavam esperar-se delas: livros para crianças, ou então, sobre as mulheres, como Flora Nwaoa da Nigéria, uma das primeiras mulheres de letras africanas, que escreveu dois romances sobre personagens femininas.

Porém, desde os finais dos anos 70, as mulheres consagraram-se, igualmente, aos temas sociais e políticos como Micere Mugo, do Quênia, ou Aminata Sow Fall, do Senegal. Esta última, socióloga, com os seus livros «o regressado» e «A greve dos explorados», põem o dedo nas feridas da sociedade senegalesa, sem, contudo, pretender dar moral ou tomar partido. Simplesmente testemunha e espera, assim, contribuir num processo de autopurificação.

Mesmo nas famílias profundamente muçulmanas, as mulheres começaram a expressar-se desde os anos 80, como Mariama Bâ que, depois de cinquenta anos de silêncio e de tolerância, escreveu um livro que é uma acusação da poligamia islâmica. É certo que não diz nada de novo aos seus leitores e leitoras senegaleses, mas desde que o seu livro passou a andar de boca em boca, começou uma reflexão pública sobre a poligamia e os seus malifícios e as suas degenerescências modernas, reflexão de natureza a contribuir para uma mudança salutar.

As escritoras africanas já não se limitam ao domínio privado da mulher. Com certeza, exige a queniana Wanjiku Matenjwa, elas devem escrever sobre as mulheres, mas a mulher no conflito cultural — durante anos um tema da literatura africana —, foi ultrapassada, pois

que, neste conflito, as mulheres, apesar de algumas contestações, vêem-se limitadas, frequentemente, ao seu papel tradicional. Contudo, pôr esta situação em questão é a tarefa da mulher de letras moderna. Desvendar os motivos da opressão da mulher no sistema social, as desigualdades perante a lei, descrever a vida nos subúrbios, explicar o que leva as mulheres à prostituição, eis quais devem ser os temas da escritora africana moderna. A autora deve estar engajada no plano social. Não se nega que a literatura não possa divertir também, mas predomina o empenho a favor dos problemas de base que os jovens Estados africanos ainda não resolveram.

Se as intelectuais europeias podem discutir sobre os seus conflitos psíquicos no seio da família, analisar as suas relações com a sua mãe, a sua amiga ou o seu marido, para só citar alguns temas da literatura feminina alemã do pós-guerra, tais temas são acessórios, por exemplo, para as mulheres da África Oriental. Os seus problemas são os da vida quotidiana. Onde conseguir os sapatos para as crianças levarem todos os dias à escola, como o vestí-las ou alimentá-las? A libertação a que aspira a mulher africana não se limita à manifestação da sua individualidade e da sua auto-reflexão psíquica. Encontra-se no domínio da libertação do aperto económico que tanto mal lhe causa.

Esta responsabilidade do bem-estar comum é já baseada na educação tradicional da mulher. Em vastas regiões da África reina uma estrita divisão do trabalho. A mulher é responsável da casa, governa os celeiros, é quem decide o que se fará do produto da colheita. Em muitos casos, é quem decide como empregar os rendimentos familiares. Também é quem, em festas de família, como os nascimentos, os casamentos e os enterros, vela pelo respeito dos ritos e garante assim uma inserção judiciosa na ordem cósmica. Ela

é a preservadora da tradição e a guardiã da continuidade.

Isso não significa, contudo, uma estagnação. As mulheres africanas deram sempre provas de um sentido de realismo na mutação. São a favor da evolução e não pela revolução. É no domínio religioso que se reflecte a posição de força tradicional da mulher. Enquanto que no cristianismo e no islão a mulher só é autorizada a fazer um trabalho paroquial e é excluída do contacto directo com Deus ou Alá, nas religiões tradicionais africanas é sacerdotisa e pode realizar os serviços no altar.

Igualmente no domínio político, os seus conselhos não só são escutados como também indispensáveis quando de decisões importantes. Assim, em numerosos povos, a rainha-mãe deve ser ouvida; a irmã do rei, nos Sereres e outros povos da região dos rios Sine e Salum no Senegal, é quem decide sobre a guerra ou a paz e sobre todas as questões religiosas que sejam determinantes para a perpetuação da comunidade.

Os espíritos críticos europeus continuam sempre a ter imagem antiquada africana de pote de água à cabeça. Uma coisa é certa: ela está sobrecarregada de trabalho, nomeadamente nas regiões pobres e áridas da África Oriental, e procura uma libertação desta opressora situação económica; mas lá porque seja ela a ir buscar a lenha ou receber o seu marido de joelhos, que as suas refeições sejam tomadas longe dele, não podemos perder de vista que, em outros domínios mais importantes para o organismo familiar, ela é autónoma e tem voz na matéria.

E porque no seio da comunidade lhe é dado um papel determinante, não é difícil à mulher africana defender a sua posição também na vida moderna. Da mesma maneira que, antigamente, lhe eram pedidos conselhos para importantes decisões e ela dava cruamente a sua opinião, também hoje

as mais corajosas exigências proveêm da mulher. E como, ao fazer isso ela nunca deixa de pensar no bem-estar comum e aspira a um melhoramento de condições sociais globais em vez de uma inversão de condições hegemónicas, os homens aceitam as suas reivindicações.

Que as mulheres africanas pensem mais em contribuir para a melhoria do futuro comum da sociedade do que na sua independência individual, pode ser também exemplificada no combate de libertação tal como aquele que foi feito no Zimbabué. Neste país, o combate desenrolou-se em três fases. Primeira, as mulheres toleraram o combate. Durante a segunda fase, esconderam as armas para os homens, transportaram comida às florestas e levaram notícias escondidas nos cabazes cobertos de cereais. Na terceira fase, elas próprias pegaram em armas.

Enquanto que, na maioria dos Estados africanos, não é recusado à mulher o direito e a capacidade de trabalhar a favor do bem-estar comum, a escritora negra da África do Sul não tem essa possibilidade. Os dois livros de Miriam Tlali de Soweto, «Muriel at Metropolitan» e «Amandla», estão proibidos na África do Sul. Para ela, não se trata de saber como é que pode ser útil mas, essencialmente, se pode

mesmo desempenhar algum papel. Os seus livros não podem ser lidos pelos seus compatriotas. Numa tal situação, não seria mais efectivo engajar-se no plano do trabalho prático e social, por exemplo no pequeno comércio, ajudar a melhorar a situação económica directamente ameaçada, em vez de atacar as raízes do mal num combate sem esperança? É a mesma coisa, seja para melhorar a situação das mulheres ou de melhorar as condições sociais globais: na África do Sul, ambas as coisas estão estreitamente ligadas entre si e qualquer melhoramento terá que ser sinónimo de abolição do apartheid.

Segundo o sistema político respectivo, aqui de cor mais política, lá de cor mais ideológica e além mais orientadas para o sector social, todas as mulheres de letras africanas têm uma coisa em comum: estão engajadas, não procuraram o subterfúgio na estética, não se deixam reduzir às crianças, ao lar e à igreja. Elas fazem escutar a sua voz na colectividade de responsáveis e estão convencidas que têm uma importante contribuição a dar ao desenvolvimento social. Fazendo isto, encontram-se na situação privilegiada que, graças ao trabalho realizado pelas suas antepassadas nas sociedades tradicionais, a sua voz é levada a sério.

### Gumbé Zairota?

Comparar o «gumbé» do N'Kassa Kobra a sonoridades zairotas ou congolosas foi uma saída bem infeliz do repórter do semanário «Zone 2».

Seria o mesmo que dizer que os mauritanianos tocavam algo que fazia lembrar as melodias da Guiné-Conakry, ou que se fechássemos os olhos, quando os gambianos estivessem a tocar, parecer-nos ser uma orquestra senegalesa...

Isto demonstra que só a inexistência de intercâmbios artísticos conduzem a tais erros.

O «N'Kassa Kobra» com as falhas que pode ter e a sua inexperiência neste tipo de certames, desempenhou bem o seu papel. No último dia do Festival, no Estádio Iba Mar Diop, o público exigiu «bis» quando o «N'Kassa Kobra» terminara de tocar as três músicas de praxe.

Alguém, espantado, dizia: pensei que vocês na Guiné-Bissau só sabessem fazer a guerra, mas pelo que vejo, sabem cantar e dançar e são disciplinados»...

## Festival

Se os artistas não fechassem os olhos às flagrantes falhas de organização e proporcionassem um maravilhoso espectáculo, o 1.º Festival de Música da Zona II, realizado de 27 de Novembro a 5 de Dezembro em Dakar, teria ido por água abaixo.

Apesar de se dizer ser o primeiro certame do género, os organizadores não puderam justificar-se aos olhos dos participantes e do próprio público.

O nome «Festival de música moderna» não correspondeu ao que se passou, seja no simpósio sobre a música — que decorreu durante a semana, — seja no resultado da actuação das próprias orquestras. O conjunto «Kanaga» do Mali, chamado em primeiro lugar na altura



FERNANDO JORJA responsável da Casa Guiné-Bissau no Simpósio em Dakar durante o Festival de Música Moderna dos países da Zona II.

P.: Quais os resultados conseguidos no simpósio?

R.: O simpósio teve um carácter inovador inédito, pois pela primeira vez levou à reflexão sobre a música de cada país da Zona II. Nesta reflexão encontramos uma série de pontos comuns apesar de todas as especificidades de cada país. Eu explico: o colonialismo estabeleceu determinadas fronteiras que não correspondem à realidade. Delimitaram zonas geográficas de um lado e do outro de cada país com a mesma cultura e a mesma raiz. Agora temos de lutar pela promoção e pela preservação da identidade cultural que, em certa medida, é comum à zona.

P.: Porquê a designação do simpósio sobre a música moderna?

R.: Este termo «moderno» difere de país para país. Não chegamos a um consenso do que é a música moderna africana. Há duas questões: será a música moderna aquela que, tendo como fonte de inspiração a música tradicional, aproveita os instrumentos electrónicos modernos

# música da Zona II: brio artístico evitou a derrocada

a distribuição dos prémios, baseou-se o seu espectáculo na encenação de uma cerimónia tradicional de determinada comunidade maliana. Os organizadores quiseram, no entanto, alargar no fim do Festival, não se tratar de uma competição quando dias antes tinham publicado um regulamento para as actuações das orquestras, e segundo o qual se atribuiriam «recompensas e troféus às diferentes orquestras participantes no domínio da pesquisa musical, da criação, da adaptação, de enraizamento, de valorização do nosso património musical, da qualidade de actuações traduzida em termos de disponibilidade, pontualidade e de compreensão mútuas».

Se este regulamento

só saiu na quarta-feira, dia 1 de Dezembro, foram publicados, ao longo da semana, nada menos que três programas diferentes a serem cumpridas pelos conjuntos. Como exemplo, pelo primeiro programa, o «N'Kassa Kobra» só actuaria duas vezes, respectivamente, no domingo e segunda-feira. Já pelo terceiro programa, publicado na terça-feira à noite, esquecia-se a actuação de domingo e programavam-se mais cinco espectáculos!!!

## DUAS HORAS DE ATRASO

Com duas horas de atraso este primeiro «Festival de música moderna» dos países da zona II foi inaugurado no sábado, 27 de Novembro, no Estádio Iba Mar Diop de Dakar, pe-

lo Secretário de Estado senegalês dos Desportos, François Bob. Estavam presentes a Guiné-Bissau, Cabo Verde, Senegal, Gâmbia, Mauritânia. A Guiné-Conakry só chegaria a hora avançada da noite e a Serra Leoa não participou. Tocaram nessa noite oito orquestras.

Na sua alocução de boas vindas, Pierre Diouf, Secretário-Geral do Comité de Organização deu o toque de reacção ao considerar a iniciativa como uma forma de engendrar o quadro de uma cooperação mais profunda no domínio da música, sobretudo tradicional.

Os conjuntos, à vez, actuaram no Teatro Daniel Sorano (a maior sala de espectáculo de Dakar), em Rufisque (cidade onde estavam alojadas todas as or-

questras), na Teatro de Verdure em Thies, no Cap des Biches, no Estádio Iba Mar Diop, no Estádio Amadou Barry em Pikine, no Teatro de Verdure de Dakar (soirée dançante) e em Joal Fadiouth.

## O PAPEL DA IMPRENSA

De forma nenhum podemos negar o que no início referimos. a boa vontade e empenho dos artistas, a receptividade do público e os erros de organização. Como também não podemos esconder a influência da Imprensa de Dakar no decurso de Festival.

Se o diário «Le Soleil» chamava a atenção para a organização «defeituosa» registada na inauguração do Festival, o seminário Zona

2» reconhecia: «Erros, mas que espectáculo!», dirigindo um agradecimento especial ao «Kanaga» do Mali.

Para este semanário, os bombos da festa foram precisamente os conjuntos senegaleses participantes: o «Super Diamono de Dakar», o «Etoile 2 000» e o «Super Etoile» do Senegal. «Zone 2» classificou o primeiro em «franco progresso», no segundo viu a «desforra» e no terceiro a «saturação». Cada um sabe da casa, mas pareceram-nos três conjuntos concorrentes que em determinados momentos faziam uma verdadeira cacofonia. Individualmente, o «Zone 2» chamou a atenção para o talento de Aziz Seck da «Etoile 2000», com o seu «sabars» (tantan).

Quanto às outras orquestras, esse semanário classificou-as da seguinte maneira:

— Orquestra da Juventude da Mauritânia — «Síntese de duas culturas».

— «Karantamba» de Bandjoul (Gâmbia) — «Promessas».

— «N'Kassa Kobra» — «Sonoridades zairotas». «Bulimundo» — traídos pela técnica, muito próximas da «salsa» e de reggae disco.

— «Kanaga» de Mopti (Mali) — «Obrigado pelo espectáculo».

— No final do festival, com o ringue do Estádio Iba mar Diop quase cheio, o público vibrou e dançou ao som de todas as orquestras, desde as 18 horas às 23 e 30, uma maratona extenuante mas um verdadeiro espectáculo.

Duko Castro Fernandes

## Um simpósio inovador

dos. Claro que, como é a primeira vez que se realiza um Festival do género, a falta de experiência é um factor que pesou contra, apesar dos esforços da Comissão organizadora para superá-los. Quanto ao Simpósio, houve um sucesso por o nível das discussões era apreciável, os elementos que participaram eram artistas com uma formação técnica elevada, as discussões permitiram uma reflexão conjunta dos problemas musicais dos países da zona, apesar das disparidades da política cultural definida por cada país. Esse Simpósio permitiu que os países da zona-2 se reunissem numa autêntica solidariedade cultural, na valorização cultural da zona e na busca de soluções que permitam a promoção e a preservação da identidade cultural. As recomendações saídas do Simpósio são uma prova evidente do esforço desenvolvido nesse sentido. Cabe agora a cada país dar o apoio necessário ao cumprimento, na prática dessas recomendações, a fim de permitir que a Cultura atinja os objectivos que lhe cabem na sociedade: mobilização das massas (que são portadoras de Cultura) e preservação e promoção dessa Cultura.

P.: Quais as disparidades mais acentuadas que surgiram nos debates?

R.: A disparidade mais evidente foi o aspecto do papel que cabe ao artista na sociedade e a função social da

música. A Guiné-Bissau, bem como a Guiné-Conakry, foram acusadas de estabelecer um certo dirigismo político sobre a música e os artistas o que, na óptica dos críticos, leva à quebra da criatividade dos artistas. Ora a Guiné-Bissau, tem uma história de Luta Armada de Libertação Nacional que os outros países da zona não tiveram, o que confere à sua sociedade uma certa particularidade. Sabemos bem que a música é a arte de combinar os sons tornando-os agradáveis ao ouvido, mas pela correcta orientação definida nos Princípios do nosso Partido o PAIGC, a arte pela arte é um conceito abstracto e rejeitámo-la. Primeiro porque a música é um produto do homem e o homem é um produto da sociedade a qual, sem aquele não pode existir. Portanto, a música deve ter sempre uma função social. Segundo, porque o artista, na nossa sociedade deve trabalhar os seus temas em função de algo que o faça sentir útil à sociedade e os seus temas devem reflectir as preocupações legítimas dos membros da sociedade e ir de encontro, ao mesmo tempo, aos princípios partidários atrás referidos. Temas ligados à necessidade do aumento da produção e da produtividade, à construção de uma sociedade de altos valores morais, de justiça e sem exploração de qualquer espécie, de solidariedade entre os povos e de humanismo,

são temas que vão ter uma função positiva de mobilizar as massas em prol de uma causa justa. Claro que tais temas são criticados como «essencialmente políticos», mas isso não quer dizer que os nossos artistas até hoje não tenham criado composições de exaltação à beleza, à mulher (tema eterno), à amizade, enfim, outros temas que são comuns a toda a sociedade e que, ao fim e ao cabo, analisados na sua profundidade são também temas políticos na medida em que, segundo Aristóteles: «O homem é um ser essencialmente político em qualquer das suas manifestações».

P.: Qual o tema fulcral dos nossos artistas?

R.: O tema até hoje mais importante sobre o qual os nossos artistas se debruçaram com insusitado interesse é a personalidade e a obra de Amílcar Cabral. O fundador do nosso Partido, pela sua coerência revolucionária que nos legou através da sua obra, constitui e constituirá sempre a fonte inesgotável de inspiração onde os nossos artistas vão beber a seiva para novos temas em prol da constituição de uma sociedade isenta de qualquer tipo de exploração e na criação de um Homem Novo idealizado por Amílcar Cabral, assim como têm surgido actualmente nos temas das nossas canções, com maior relevo que antes, a figura lendária do guerrilheiro NINO, herói vivo do povo guineense.

## Nub' Dadis de festival

O «Kélétegui et ses Tambourins» da Guiné-Conakry, mostraram que a antiguidade é um posto. Vinte anos de experiência foram uma vez postos à prova e, mais uma vez, demonstrados na sonorização, no ritmo e na animação de um espectáculo, bem concebido, cronometrado e interpretado.

No polo oposto estava a orquestra da Juventude da Mauritânia só com dois meses de existência. Aliás, um dos saxofonistas do «Kélétegui» é o maestro do conjunto mauritaniano.

O «Kélétegui» foi o único que quase fez lotar a sala Daniel Sorano do Dakar (cerca de mil lugares). O que não significa que os outros conjuntos não tivessem feito boas actuações.

Um dos problemas que sempre se colocou foi o dos instrumentos: só o «N'Kassa Kobra» e o «Kélétegui» levaram aparelhagens completas. Tiveram que ser misturados os instrumentos para se conseguir realizar cada espectáculo. Tudo à base do empréstimo.

Enfando dos conjuntos, já que tivemos a oportunidade de conviver com quase todos eles, mesmo que separados em duas residências — a Guiné-Conakry e o Mali de um lado; a Guiné-Bissau, a Gâmbia, Cabo Verde e a Mauritânia numa outra residência havia uma franca camaradagem, e solidariedade entre artistas...

O programa do festival foi duro, com deslocações a dezenas de quilómetros de distância, partindo depois do almoço às 13 horas para vir jantar quase à meia noite. Resultado: muitos foram parar ao hospital.

No primeiro programa do Festival estava anunciado o Super Mama Djombo como representante da Guiné-Bissau. Não chegamos a saber porquê!

No dia da inauguração o «Etoile 2 000» chegou atrasadíssimo e não era mesmo esperado. Romperam o protocolo quando a Mauritânia actuou e os gambianos foram chamados, eles subiram primeiro e tocaram. O «Karantamba» de Bandjoul teve que esperar.

Um dos eternos problemas para as deslocações era a essência da «essence». Era escusado pedir um carro para uma deslocação que não fosse para a sala de espectáculos. Nunca havia «essence» (gasolina).



CASTRO FERNANDES, Cultura, representou a sobre a Música que teve Festival de música mo- l. Quizemos ouvir a sua

para lhe dar uma feição especial? Ou será a música moderna a música tradicional simplesmente executada por instrumentos electrónicos modernos? Do meu ponto de vista, a música moderna africana deve ter como raiz a música tradicional africana e deve, essencialmente reflectir as aspirações do povo num momento preciso, independentemente de ser executada por instrumentos electrónicos, por instrumentos tradicionais, por uma simbiose (instrumentos tradicionais e modernos) ou ainda por instrumentos tradicionais adaptados à electrónica.

P.: Como vê a organização e a realização do Festival e do Simpósio?

R.: Este Festival consistiu de duas partes: a actuação dos conjuntos de cada país, e um simpósio de reflexão sobre a música de cada país. Na actuação dos conjuntos houve determinadas falhas que impediram que essas manifestações culturais alcançassem a dinâmica e o brilho necessários, se tivermos em conta o leque do nível dos artistas apresenta-

# Kansala (1) - Um projecto de pesquisa

Passámos um fim-de-semana em Kansala, no sector de Pirada, região de Gabú, no extremo nordeste do país. O nosso intuito foi o de ver com os próprios olhos o que restava da velha capital do Império do Gabú, destruída numa madrugada de Maio de (provavelmente) 1865 por um ataque poderoso por parte dos Fulas do Futa-Djalon, e que traria, como consequência, o suicídio colectivo de uma população numerosa e o fim do império dos mandingas. Movia-nos também o desejo de nos orientarmos no sentido de uma pesquisa histórica na região, cuja viabilidade se nos afigura já muito dificultada quer pela erosão do tempo quer pela própria violência da batalha que ali teve lugar, a qual terminou com uma tremenda explosão de pólvora e dinamite que, por si sós, deixaram o que por ali havia praticamente reduzido a cinzas.

Começaram os nossos contactos por uma entrevista pessoal, concedida em 11 de Outubro, por um representante mandinga, o qual surpreendentemente nos afirmou que a tribo está a tentar recuperar a sua história. Diz ele: «estamos a preparar os locais históricos para podermos acolher os visitantes». Na prática, o que fizeram foi traçar vários círculos, espalhados pela área onde se deu a famosa batalha, ornamentando-os com símbolos, cada qual com um diferente significado histórico. Um desses círculos — ou áreas demarcadas e ornamentadas — serve para acolherem a delegação visitante, segundo a religião a que pertence; um outro, para indicar um sítio onde tombaram soldados uns sobre os outros; um terceiro local, dentro de outro círculo, é um local de culto, uma espécie de altar. Dizem dele: «é onde prestamos as orações, pedindo a Deus afim de perdoar a esses homens tombados então na batalha». Afirmou-nos ainda o representante da tribo mandinga no local, que estão a criar as condições necessárias, libertando os documentos básicos e indicando bem os locais, para que a geração vindoura não venha a sentir as mesmas dificuldades que eles estão a sentir no que respeita ao conhecimento da sua história. Atribuiu aos antepassados da tribo a responsabilidade por essa dificuldade, por não terem deixado dados concretos para um estudo adequado. Afirmou ainda o representante que se ele próprio conseguira descobrir tais locais, que tal se devia ao poder sagrado de que dispõe, o qual lhe foi concedido por Deus. Refere-se, como é óbvio, aos locais históricos onde assinalaram os círculos descritos e onde, às primeiras remexidas no terreno se detectaram três cachimbos de pedra, partidos, usados nos finais do século XIX, misturados com ossadas humanas, que incluíam fragmentos de tíbias e peróneos, clavículas partidas, pedaços do tarso, etc., pertencentes com certeza aos soldados ali caídos em combate em 1865 na batalha de Kansala. Todo o terreno onde procedem a estes ensaios semi-arqueológicos, ocupa bem uma área de cerca de 600 m<sup>2</sup>, sobre as cinzas da antiga cidade de Kansala, onde Fulas e Mandingas se enfrentaram num combate que, além de assinalar o fim do Império do Gabú, ficaria conhecido na tradição oral man-



dinga — e agora também na História — como «Turuban», ou seja, «o fim da sementeira» — denominação poética para um fim patético e trágico, que faria ruir uma sociedade bem estruturada e rica, como um vendaval que destrói os campos semeados na hora própria da colheita, quando eles se prestam já a dar os seus frutos.

Na sequência da nossa entrevista, depois de nos referirmos ao interesse que haveria num projecto de investigação sobre os acontecimentos de Kansala, bem como sobre a cultura mandinga, e de termos oferecido ainda ajuda técnica, com instrumentos e impressões, respondeu o representante que eram tais coisas que andava a pedir a Deus, de modo a poderem superar as suas dificuldades. Fez, contudo, uma restrição: que devíamos nós — os visitantes — converter-nos à religião muçulmana, arranjando-nos eles, em troca, uniformes semelhantes aos deles. Acrescentou que não tolerariam ver-nos sentados enquanto efectuassem as suas rezas porque, segundo os mandamentos do Corão, devíamos todos rezar e pedir a Deus que perdoasse os pecados dos homens tombados no local. Afirmou que seria esta a única via pois, caso contrário, fugiríamos da realidade. Conduziu-nos em seguida a um dos círculos demarcados, ornamentado com paus em forma de cruz — lugar indicado, segundo ele, para receber todos os cristãos ou católicos — e ali salientou que embora os habitantes do antigo Império de Kansala fossem animistas e não muçulmanos, se sentiam hoje obrigados a exigir a religião muçulmana a qualquer pessoa que quisesse colaborar ou trabalhar com ele. Acrescentou que nós — os visitantes — nos encontrávamos fora do contexto do mundo actual, pois que o mundo se encontra na sua fase final, fase esta que vai ser dominada pela religião muçulmana; que a vida do mundo é de 700 000 anos e que agora estão a faltar

apenas 498 anos, e que nós devíamos compreender isso.

Deixando-nos conduzir por este representante mandinga — e, através dele, ao interior da mitologia mandinga expressa na sua tradição oral — fomos levados a um outro local onde estava um tronco de árvore de 0,5 m de altura e de cerca de 30 cm de diâmetro, cercado, à distância de 2 metros, por um círculo composto com pedras e pedaços de madeira por ornamentação. Dizem que este tronco de árvore representa um homem sábio e valente, que vinha à frente do exército do Futa-Djalon na altura do ataque a Kansala. Acrescentam que este homem, antes da sua partida do Futa, jurara perante o seu povo e o seu reino que ia destruir o reino dos mandingas em Kansala, e que traria consigo muitos prisioneiros para serem usados como escravos no Futa. Diz o representante da tribo com quem falámos que o tal homem conseguiu de facto parte do seu objectivo — a destruição do reino Mandinga — mas que, devido à estratégia de suicídio colectivo assumido pelos sitiados mandingas, não lhe fora possível fazer qualquer prisioneiro a apresentar à corte no Futa-Djalon. Assim, envergonhado e com receio de regressar à sua terra sem o prometido, ele e o seu cavalo ter-se-iam transformado na árvore mencionada, a qual caiu há cinco anos atrás, restando dela agora apenas parte do tronco, além das raízes, carcomidas e velhas. Conta o representante, por conhecimento colhido na tradição oral da tribo, que esse homem vinha à frente de um importante número de homens armados de flechas, lanças, espadas, etc., os quais, chegados à região de Gabú, foram acolhidos com grande entusiasmo pela população Fula local, a qual foi convocada para uma reunião em que o chefe do exército expôs os seus objectivos. Em seguida enviou um emissário a Kansala a comunicar as suas intenções ao reino local, provocando reacções de cólera no chefe do reino mandinga, mansa Djanké Wali, que imediatamente expôs à população às suas ordens os objectivos dos Fulas, dando a seguir início aos preparativos de guerra. (Continua).

CARLOS CALADO

## Homenagem ao poeta Nicolas Guillen

Como raras vezes terá acontecido, os escritores e poetas da Guiné-Bissau, na noite de 15 de Dezembro, renderam uma viva homenagem a um escritor e poeta estrangeiro. O Poeta Nacional cubano, Nicolas Guillen, cujas obras, nas justas palavras do seu amigo e grande admirador, o poeta guineense, Vasco Cabral, «...adquiriu também uma dimensão continental e, levada pelo sopro quente e primaveril do amor, da fraternidade e da esperança, chegou até terras distantes de outros continentes, conquistou o pensamento e o coração de outras gentes, para se tornar universal».

Esta homenagem de guineenses, organizada pela JAAC por ocasião do octagésimo aniversário natalício de Nicolas Guillen (Presidente da União Nacional dos Escritores e Artistas Cubanos — U.N.E.A.C. — desde a sua fundação em 1961), teve lugar em Bissau na presença do Comandante da Revolução, Juan Almeida Bosque, vice-presidente do Conselho de Estado da República de Cuba, em visita ao país a convite do Secretário-Geral do PAICG, Nino Vieira.

Canções revolucionárias, recital de poemas, folclore e música de protesto abrilhantaram a noite do homenagem. Mas o sa-rau cultural teve a sua

expressão máxima nas palavras poética e amiga do camarada Vasco Cabral, membro do BP e secretário permanente do Comité Central do PAICG, que na sua intervenção traçou o largo perfil biográfico do intelectual revolucionário.

«Esta homenagem a Guillen simboliza no fundo a homenagem que queremos prestar a todos os intelectuais consequentes, escritores, poetas, músicos e artistas de Cuba revolucionária, da Cuba de Fidel, de Camilo e de Ché».

«... Homem simples, ligado ao povo, servindo o povo, amando o povo, Guillen como intelectual, como escri-

tor e poeta de rara qualidade, contribuiu de uma forma decisiva para demistificar a falsa cultura e descolonizar mentalidades. A sua arte é uma arte engajada. De forma alguma, Guillen, é um cultor da arte pela arte. A sua criação artística não é um luxo do espírito. Ela é uma afirmação, uma resposta à vida, uma resposta à necessidade de conhecimento e de educação popular: é o pão do espírito e a luz da beleza e da harmonia no despertar dos sentidos — realçou Vasco Cabral, uma noite preenchida de amor e fraternidade em que a poesia e a música se misturaram e ganharam dimensão na doce melodia do Korá.

## Quantos caracteres chineses há?

A língua enriquece à medida que se desenvolve a sociedade. Not

China» que as inscrições em ossos de animais das épocas Yin e Zhu (do século XVI ao ano 221 antes da nossa Era), apareciam uns 2 100 caracteres; o livro Cang Jie Pian da dinastia Qin (221-207 a.n.E.) compreende três mil; Shuo Wen Jie Zi da dinastia Han do Este (25-220), 8 190; o dicionário Kang Xi, 47 035, e o Grande Dicionário da China, publicado em 1915, 48.850, sendo este o mais volumoso entre os dicionários da língua chinesa.

Mas não há que se assustar com estes números.

Como os caracteres chineses são monossílabos, pode-se ler jornais e livros se dominar mais ou menos 3.000. Para um estrangeiro, um ano de estudo será suficiente para ler jornais e sustentar conversações simples.